



Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH
Escola de Comunicação

Trabalho de Conclusão de Curso

**“A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito”:
Um estudo de caso sobre a comunicação da Prefeitura do Rio de
Janeiro em defesa da Diversidade Sexual**

Por
Guilherme Silviano

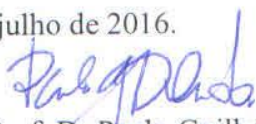
Rio de Janeiro
Julho de 2016

Guilherme de Oliveira Silviano

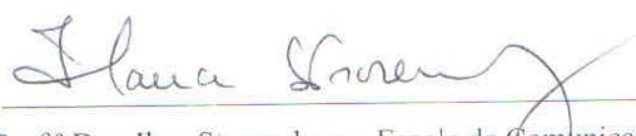
**“A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito”:
Um estudo de caso sobre a comunicação da Prefeitura do Rio de Janeiro em
defesa da Diversidade Sexual**

Monografia apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social a Escola de Comunicação
da Unidade Federal do Rio de Janeiro

Aprovado em: 26 de julho de 2016.


Orientador: Prof. Dr. Paulo Guilherme Domenech Oneto
Escola de Comunicação – UFRJ

Banca Examinadora:


Prof.ª Dra. Ilana Strozenberg - Escola de Comunicação – UFRJ


Prof.ª Dra. Maria Alice de Faria Nogueira - Escola de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro

2016

AGRADECIMENTOS

A Paulo Domenech Guilherme Oneto, meu orientador, que confiou em minha capacidade de responder a este desafio em meio a tantas adversidades e aos curtos prazos. Sem seu voto de confiança nada disso seria possível.

A Professora Ilana Strozemberg, cujo trabalho tanto admiro e tanto me inspirou em minha vida acadêmica. Me orgulha ter em minha banca alguém com uma visão tão inclusiva e humana.

A Professora Maria Alice Nogueira, por prontamente aceitar meu convite para participar desta banca. Por trazer novos ares e pensamentos à esta Escola de Comunicação.

Gostaria também de agradecer a minha querida vó, Zenilza, que em sua humilde infância na pequena Alto Jequitibá jamais imaginaria ver seu neto com diploma. Sua luta e sua história são um exemplo para mim e jamais esquecerei as minhas origens em cada uma de minhas conquistas.

A minha mãe, Marcia, por seu apoio em cada fase da minha vida. Nunca estive sozinho, mesmo nos momentos mais escuros, devido ao seu amor incondicional, que sempre me acompanhou. Foi dela que extrai minhas maiores qualidades e que aprendi a não ter medo de sentir com todo o meu coração.

Ao meu pai Joe, por suas palavras e por seu silêncio. Com ele aprendi o momento de argumentar, de questionar e de não aceitar respostas prontas. E com ele também aprendi o momento de calar, de ouvir e aceitar que não tenho todas as respostas.

Aos “*Muquiranas*”, amigos que acompanham a minha jornada desde a minha infância. Por todo o aprendizado lúdico que vivemos nas ruas do nosso cantinho suburbano em Cascadura. Por estarem ao meu lado em minhas primeiras conquistas e por chorarem comigo as minhas primeiras decepções.

A Tales Yamaguchi por com toda a sua generosidade me ensinar a ter orgulho de quem sou. A Marlon Peter, por com sua ternura me ensinar a enfrentar as mais duras realidades. E a Ramon Theobald, que com sua honestidade visceral me diz todas as verdades incômodas que me fazem amadurecer.

A todos aqueles que passaram pela PB58, apartamento no qual construí um lar feliz. A Anne Celine por sua doçura, a Alice por seu sorriso, a Mary por sua alegria, a Reuel por me vestir, a Sophie por *lançar o seu perfume* e a German por ser o cara mais *buena onda* que já conheci. E principalmente a minha irmã Brenda e meu irmão Orel. Não temos os mesmos pais, não temos o mesmo sangue, mas a fraternidade que temos um pelo outro ultrapassa estes meros detalhes.

A Diego Rainho por ter feito parte de oito anos de minha história. Pelos momentos felizes, que me tornaram uma pessoa mais sensível. E pelos momentos tristes, que me tornaram uma pessoa mais forte.

A Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual da Prefeitura do Rio de Janeiro, local em que cresci como ser humano, ao ver e viver de perto as mais duras consequências do preconceito. E que cresci também enquanto comunicador e pude realizar sonhos profissionais que jamais imaginaria alcançar tão jovem. A toda a equipe, mas principalmente a Carlos Tufvesson pela oportunidade, a Carlos Alexandre Neves Lima pelo profissionalismo e a Beatriz Cordeiro por um aprendizado que nenhum livro jamais poderia me ensinar. E não poderia deixar de citar, João Felipe Toledo, com quem formei uma dupla profissional divisora de águas em minha carreira e construí uma parceria de amizade e companheirismo ímpares.

E a Escola de Comunicação da UFRJ, local em que me formei não apenas como profissional, mas como ser humano. Obrigado pelos anos mais felizes de minha vida.

RESUMO

SILVIANO, Guilherme. “A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito”: Um estudo de caso sobre a comunicação da Prefeitura do Rio de Janeiro em defesa da Diversidade Sexual. Monografia Rio de Janeiro, 2016.

O município do Rio de Janeiro tem um histórico de pioneirismo em relação à luta pelos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil. Seguindo esta tendência, em fevereiro de 2011 era criada a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual da Prefeitura do Rio de Janeiro (CEDS-RIO) devido à necessidade de desenvolver ações afirmativas que promovessem a inclusão e proteção à cidadania de pessoas que, por conta de sua orientação sexual, expressão ou identidade de gênero, veem seus direitos e garantias fundamentais violados.

Este trabalho irá então abordar como a Prefeitura do Rio de Janeiro, através da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual, se comunica por meio de campanhas publicitárias audiovisuais com os cidadãos e cidadãs cariocas sobre as questões relativas a orientações sexuais divergentes da heteronormatividade e de identidades de gênero divergentes à cisnormatividade.

Para tal, utilizaremos como estudo de caso a campanha publicitária “CEDS: A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito” que reuniu um elenco com dez grandes atores e atrizes da dramaturgia brasileira, que cederam as suas imagens voluntariamente, alcançando cerca de cinco milhões de visualizações através das redes sociais.

Palavras Chave: Diversidade Sexual; Campanha, Prefeitura, LGBT, Comunicação Pública, Preconceito

SUMÁRIO

Introdução	Erro! Indicador não definido.
I: A Prefeitura do Rio de Janeiro e a questão da diversidade sexual	16
1.1 As políticas públicas de defesa da diversidade sexual no município do Rio	16
1.2 A criação da Coordenadoria Especial de Diversidade Sexual (CEDS)	18
1.3 As políticas públicas adotadas pelo município do Rio de Janeiro após a criação da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual	
II: O setor de comunicação da Prefeitura do Rio de Janeiro no que tange à questão da diversidade sexual	35
2.1 Os desafios do setor público de comunicação na contemporaneidade	35
2.2 As primeiras campanhas audiovisuais da CEDS	39
III: Novidades e efeitos da campanha "A sua voz na luta contra o preconceito"	52
3.1 A Preparação da campanha: elenco e roteiro	52
3.2 O Lançamento	64
3.3 Críticas e Estimativas de Resultados	65
Conclusão	69
Referências Bibliográficas	77
Anexos	78

Introdução

O presente trabalho irá abordar como a Prefeitura do Rio de Janeiro, através de campanhas publicitárias e audiovisuais, se comunica com os cidadãos e cidadãs cariocas sobre as questões relativas às orientações sexuais e identidades de gênero divergentes à normatividade.

Mais especificamente irei propor um estudo de caso sobre a peça publicitária “CEDS: A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito”, assinada pela Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual (CEDS-Rio), um órgão da Prefeitura do Rio de Janeiro, criado no ano de 2011, devido

a necessidade de formular e implementar Políticas Públicas de enfrentamento ao preconceito e à discriminação por orientação sexual e de identidade de gênero, no Município do Rio de Janeiro e “a necessidade de desenvolver ações afirmativas que promovam a inclusão e proteção à cidadania de pessoas que, por conta de sua orientação sexual, expressão ou identidade de gênero, veem seus direitos e garantias fundamentais violados.”¹

Cabe ressaltar que este estudo não detém uma natureza conceitual. Todavia, conceitos e autores fundamentais serão mencionados – direta ou indiretamente – com o intuito de situar a discussão histórica (tanto no campo social, quanto político e jurídico) para embasar e preparar este trabalho sobre as políticas públicas e campanhas audiovisuais do município do Rio de Janeiro em torno da questão da diversidade sexual.

No primeiro capítulo farei um breve levantamento sobre as políticas públicas adotadas pela Prefeitura do Município do Rio de Janeiro em defesa da livre manifestação e plena cidadania de indivíduos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). Para tal, proponho como divisor, a criação da CEDS-Rio. Analisarei, portanto, qual era o posicionamento do poder público, antes e depois da criação desta Coordenadoria.

Ainda neste primeiro momento, irei também abordar quais são as justificativas legais para a existência de um órgão público voltado especificamente para a promoção dos direitos civis de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

Após expor as questões legais sobre o tema, no segundo capítulo proponho uma reflexão sobre como a Prefeitura do Rio de Janeiro, através de sua comunicação com o cidadão, responde às questões relativas à diversidade sexual. Para tal, questionarei quais

¹ Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2011/3338/33376/decreto-n-33376-2011-cria-a-coordenadoria-especial-da-diversidade-sexual-no-gabinete-do-prefeito-gbp->
Última visualização em - 18/06/2016

são os desafios contemporâneos do poder público no âmbito da comunicação, tendo em vista a dificuldade de transmitir uma mensagem que contraria a normatividade.

Neste capítulo recorrerei a Ana Lúcia Novelli², que sob a ótica do campo das Relações Públicas, estuda como a comunicação praticada por instituições e órgãos governamentais é um valioso instrumento para o fortalecimento da esfera pública, e consequentemente, dos mecanismos de democratização e participação cidadã. Não poderia deixar de recorrer também a Dominique Wolton³, um dos maiores nomes contemporâneos nos estudos sobre comunicação política. Em seus estudos, Wolton valoriza uma comunicação mais humana e democrática. E, para descrever o contexto temporal em que estes processos acontecem, trago para a discussão Zygmunt Bauman⁴ e o seu conceito de Modernidade Líquida.

Após o diálogo entre estes três autores, farei um levantamento sobre todas as campanhas audiovisuais assinadas pela Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual. São sete peças publicitárias lançadas ao longo de cinco anos, que trazem mensagens de combate ao preconceito e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis. Desta forma, irei apontar como a CEDS-Rio, e a Prefeitura do Rio de Janeiro, respondem aos desafios de comunicação expostos na primeira parte do segundo capítulo.

No capítulo final, analisarei especificamente a campanha “CEDS: A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito”, vídeo de maior alcance da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual, atingindo cerca de cinco milhões de visualizações na internet. Lançada em 1º de julho de 2015, a peça publicitária teve como slogan a frase “Não Fique Calado Diante da Homofobia” e reuniu um elenco com dez grandes atores e atrizes da dramaturgia brasileira, que cederam as suas imagens voluntariamente.

Farei um breve levantamento sobre o contexto no qual surgiu a demanda para a criação desta peça publicitária, abordarei como foi desenvolvido o briefing, selecionado o elenco, elaborado o roteiro e quais foram as estratégias traçadas para o lançamento da campanha. Buscarei levantar também quais foram as principais críticas ao vídeo e estimar os resultados obtidos pela CEDS-Rio.

² NOVELLI, Ana Lúcia “O papel institucional da Comunicação Pública para o sucesso da governança.” *Revista Organicom*, Edição de 1º semestre de 2016,

³ WOLTON, DOMINIQUE. *Informar não é comunicar*. Editora Meridional. 2010

⁴ BAUMAN, ZYGMUNT. *Modernidade Líquida*. Editora Zahar, 2001

Além de conceitos dos autores citados anteriormente, incluirei neste estudo de caso pensamentos de intelectuais como o linguista dinamarquês Louis Hjelmslev⁵ e a linguista brasileira Maria Lilian de Medeiros Yared.⁶

Para introduzir esta discussão, trago agora um breve apanhado histórico proposto por Guacira Lopes Louro. Segundo a autora, podemos dizer que a partir do século XVIII iniciou-se um processo que tornaria a sexualidade uma questão central para o Estado e para os indivíduos. Neste contexto histórico, a Revolução Burguesa e o Industrialismo estavam gerando transformações que impactaram a política, a cultura, a sociedade e a economia. *Uma outra divisão sexual do trabalho e a circulação de ideias de caráter feminista, foram constituindo todo um conjunto de condições para que os corpos, a sexualidade e a existência de homens e mulheres fossem significados de outro modo.*⁷ A partir das ideias do historiador e sexólogo Thomas W. Laqueur, Guacira disserta:

Este estudioso conta que até o início do século XIX as sociedades ocidentais tinham um modelo sexual que hierarquizava os sujeitos ao longo de um único eixo, cujo vértice era o masculino. Entendia-se que os corpos de mulheres e de homens diferiam em “graus” de perfeição; a “verdade” era que as mulheres tinham “dentro de seu corpo” os mesmos órgãos genitais que os homens tinham externamente. Em outras palavras, afirmava-se, cientificamente, que “as mulheres eram essencialmente homens nos quais uma falta de calor vital – de perfeição – havia resultado na retenção, interna, de estruturas que nos machos eram visíveis” (ibid.: 4). A substituição desse modelo (de um único sexo) pelo modelo de dois sexos opostos (que é o modelo que até hoje prevalece) não foi um processo simples nem linear. Essa transformação de ordem epistemológica – e também política, é claro – se deu junto com todo aquele conjunto de transformações já mencionadas. E, por um largo tempo, houve embate e disputa entre esses modelos sexuais.⁸

Surge então uma nova forma de compreensão do mundo, com um novo conjunto de regras, com novos significados e representações para o homem e para a mulher e, conseqüentemente, para as relações e para as sexualidades. Partindo de uma perspectiva foucaultiana, estabelecem-se novas estratégias e relações de poder.

Ao final do século XIX, serão homens, médicos e também filósofos, moralistas e pensadores (das grandes nações da Europa) que vão fazer as mais importantes “descobertas” e definições sobre os corpos de homens e mulheres. Será o seu olhar “autorizado” que irá

⁵ HJELMSLEV, L. Ensaios linguísticos. São Paulo: Perspectiva, 1991 [1937 a 1956]

⁶ YARED, MARIA LILIAN DE MEDEIROS. *A ação semiótico-social da publicidade governamental sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítica e a Multimodalidade* - Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, UnB, 2015

⁷ LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* / – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009

⁸ Idem

estabelecer as diferenças relevantes entre sujeitos e práticas sexuais, classificando uns e outros a partir do ponto de vista da saúde, da moral e da higiene. Não é de estranhar, pois, que a linguagem e a ótica empregadas em tais definições sejam marcadamente masculinas; que as mulheres sejam concebidas como portadoras de uma sexualidade ambígua, escorregadia e potencialmente perigosa; que os comportamentos das classes média e alta dos grupos brancos das sociedades urbanas ocidentais tenham se constituído na referência para estabelecer o que era ou não apropriado, saudável ou bom. Nascia a sexologia. Inventavam-se tipos sexuais, decidia-se o que era normal ou patológico e esses tipos passavam a ser hierarquizados. Buscava-se tenazmente conhecer, explicar, identificar e também classificar, dividir, regar e disciplinar a sexualidade. Tais discursos, carregados da autoridade da ciência, gozavam do estatuto de verdade e se confrontavam ou se combinavam com os discursos da igreja, da moral e da lei.⁹

É neste cenário que “*nasce*” o homossexual e a homossexualidade. Obviamente, as práticas e relações afetivas e sexuais entre indivíduos do mesmo sexo sempre existiram em todas as sociedades e momentos históricos. Todavia, naquele contexto, era costurada uma nova interpretação e conotação para este comportamento, nascendo desta forma um novo sujeito. Em substituição à interpretação bíblica do pecado, um novo discurso emerge associando as sexualidades divergentes a patologias. Se antes, este indivíduo/comportamento era julgado como pecador/pecado, agora ele será julgado como “anormal”, como aquele que não se encaixa na “normalidade”.

Tendo sido nomeados o homossexual e a homossexualidade, ou seja, o sujeito e a prática desviantes, tornava-se necessário nomear também o sujeito e a prática que lhes haviam servido como referência. Até então, o que era “normal” não tinha um nome. Era evidente por si mesmo, onipresente e, conseqüentemente (por mais paradoxal que pareça), invisível. O que, até então, não precisara ser marcado agora tinha de ser identificado. Estabelecia-se, a partir daí a par heterossexualidade/homossexualidade (e heterossexual/homossexual), como oposição fundamental, decisiva e definidora de práticas e sujeitos. Entendia-se o primeiro elemento como primordial e o segundo como subordinado, numa oposição que, segundo teóricos contemporâneos, encontra-se onipresente na sociedade, marcando saberes, instituições, práticas, valores. Consolidava-se um marco, uma referência-mestra para a construção dos sujeitos.¹⁰

Para manter o status hierárquico da heterossexualidade sobre a homossexualidade, uma série de estratégias, que vão se manifestar em distintas

⁹ LAQUEUR, Thomas. *Making sex: body and gender from the greeks to Freud*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990. Apud LOURO, Guacira Lopes. “Heteronormatividade e Homofobia” In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* / – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009

¹⁰ LOURO, Guacira Lopes Ops Cit p. 89

instâncias sociais, mais notadamente a família, a medicina, a igreja, a lei, a mídia e a escola, irá garantir ao comportamento heterossexual o caráter de normalidade.

Através de estratégias e táticas aparentes ou sutis reafirma-se o princípio de que os seres humanos nascem como macho ou fêmea e que seu sexo – definido sem hesitação em uma destas duas categorias – vai indicar um de dois gêneros possíveis – masculino ou feminino – e conduzirá a uma única forma normal de desejo, que é o desejo pelo sujeito de sexo/ gênero oposto ao seu

Desta forma, surge a heteronormatividade.

Esse alinhamento (entre sexo-gênero-sexualidade) dá sustentação ao processo de heteronormatividade, ou seja, à produção e à reiteração compulsória da norma heterossexual. Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais – daí que os sistemas de saúde ou de educação, o jurídico ou o midiático sejam construídos à imagem e à semelhança desses sujeitos. São eles que estão plenamente qualificados para usufruir desses sistemas ou de seus serviços e para receber os benefícios do Estado. Os outros, que fogem à norma, poderão na melhor das hipóteses ser reeducados, reformados (se for adotada uma ótica de tolerância e complacência); ou serão relegados a um segundo plano (tendo de se contentar com recursos alternativos, restritivos, inferiores); quando não forem simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos. Ainda que se reconheça tudo isso, a atitude mais frequente é a desatenção ou a conformação. A heteronormatividade só vem a ser reconhecida como um processo social, ou seja, como algo que é fabricado, produzido, reiterado, e somente passa a ser problematizada a partir da ação de intelectuais ligados aos estudos de sexualidade, especialmente aos estudos gays e lésbicos e à teoria queer.¹¹

Nas últimas décadas, os movimentos de militância das sexualidades divergentes à heteronormatividade, conquistaram avanços tanto no campo midiático quanto no campo jurídico. Pois apesar desta constante pressão normativa sobre as expressões de sexualidade dos indivíduos, há uma constante disputa de poder.

A norma pode e é subvertida. Todos os dias, em todos os espaços, homens e mulheres a desafiam. Alguns sujeitos embaralham códigos de gêneros ou atravessam suas fronteiras; outros articulam de formas distintas sexo-gênero-sexualidade; outros ainda criticam a norma através da paródia ou da ironia. A heteronormatividade constituiu-se, portanto, num empreendimento cultural que, como qualquer outro, implica disputa política.¹²

Como aponta Guacira, mais notadamente a partir da década de 1960, uma nova política cultural passa a se afirmar: a política de identidades.

“Jovens, estudantes, negros, mulheres, as chamadas minorias sexuais e étnicas passaram a falar mais alto, denunciando sua inconformidade e seu

¹¹ Idem

¹² Idem

desencanto, questionando teorias e conceitos, derrubando fórmulas, criando novas linguagens e construindo novas práticas sociais”.¹³

Grupos sociais que até então ocupavam um local de subordinação protagonizaram uma série de lutas que privilegiava a cultura como um palco de embate. Ao menos inicialmente, o propósito principal era dar visibilidade aos modos de viver divergentes da normatividade. Pode-se dizer que esta luta, apesar das diversas caras e expressões, é a luta pelo “*direito de falar por si e falar de si*”. Esta disputa por protagonismo, representatividade e visibilidade é ainda um tema central entre os movimentos de militância de minorias. “*Esses diferentes grupos, historicamente colocados em segundo plano pelos grupos dominantes, estavam e estão empenhados, fundamentalmente, em se autorepresentar*”.¹⁴

É importante neste momento trazer à discussão episódios históricos como o Levante de Stonewall; marco na defesa de direitos civis do movimento LGBT moderno. Na data de 28 de junho de 1969, na cidade de Nova York, os frequentadores de um bar chamado *Stonewall Inn* se rebelaram contra os constantes ataques e humilhações realizados pela polícia local para reprimir aqueles que tinham sexualidades divergentes à normatividade. A rebelião, que durou dias, inspirou Paradas do Orgulho LGBT por todo o mundo.

Em lembrança ao Levante de Stonewall, no dia 28 de junho é celebrado o Dia Internacional do Orgulho LGBT.

Iniciado em um bar chamado Stonewall Inn e prolongando-se por vários dias, o episódio ficou conhecido como a “rebelião de Stonewall” e se tornou um marco na defesa dos direitos civis LGBT. Gays, travestis e lésbicas, cansados das frequentes humilhações e agressões físicas por parte da polícia local, reagiram em nome de sua dignidade, inaugurando uma nova fase do movimento homossexual, no rastro de outras manifestações de contracultura do final dos anos 1960 e início dos 1970, como o movimento hippie, o feminismo e a luta pela afirmação dos direitos civis dos negros. O levante de Stonewall inspira até hoje as Paradas LGBT em todo o mundo. O legado dos anos 1960 e 1970 é considerável e devemos defendê-lo contra todas as tentativas de retrocesso. Contudo, o que surpreende é o fato de que essa herança, que, ao menos nas sociedades ocidentais, transformou a situação de mulheres, gays e transexuais, não tenha alterado, em definitivo, a estrutura mesmo daquilo que a que o sociólogo francês Pierre Bourdieu se referiu como “dominação masculina”. Devemos refletir, portanto, não somente sobre o que mudou a partir de Stonewall, mas também analisar com atenção o que permanece, a fim de denunciar as instituições que operam para manter uma ordem social – e sexual – restrita, não inclusiva e contrária às liberdades individuais. Uma ordem em que as denominações coletivas são

¹³ LOURO, Guacira Lopes “Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas”. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008 p. 20

¹⁴ Idem

estabelecidas, sobretudo a partir de insultos que vitimam “veados” e “sapatões” desde a infância, assim que se apresentam os primeiros sinais de divergência da heteronormatividade, seja no que se refere à identidade de gênero ou orientação sexual.^{15 16}

Outra importante data histórica a ser levantada é 17 de maio de 1990. Foi nesta data que a Assembleia Geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou o *homossexualismo* da Classificação Internacional de Doenças. A partir deste momento, foi abandonado o sufixo “ismo”, referente à patologias, e adotado o sufixo “dade”, que remete à comportamento. Pois, desde então, o órgão reconhece que “*a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão*”.¹⁷

Nesta data é celebrado o Dia Internacional de Combate à Homofobia. E, desde junho de 2010, por decreto assinado pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Brasil reconheceu esta data, a incluindo no calendário oficial como Dia Nacional de Combate à Homofobia.

Após este breve apanhado histórico, é importante que definamos alguns conceitos que irão ser utilizados ao longo de toda esta dissertação. Primeiramente, para que diferenciemos cada uma das letras pertencentes ao guarda-chuva LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), é indispensável destacar as diferenças entre orientação sexual e identidade de gênero.

A orientação sexual e a sexualidade podem ser definidas como:

Orientação Sexual refere-se ao sexo das pessoas que elegemos para nos relacionar afetiva e sexualmente. Atualmente temos três tipos de orientação sexual: heterossexual, homossexual e bissexual. Contrapõem a OPÇÃO SEXUAL entendida como escolha deliberada e realizada de forma autônoma

“A sexualidade tem a ver tanto com o corpo, como também com os rituais, o desejo, a fantasia, as palavras, as sensações, emoções, imagens e experiências. Ela não tem ligação somente com a questão do sexo e dos atos sexuais, mas também com os prazeres e sua relação com o corpo e a cultura compreendendo o erotismo, o desejo e o afeto”.¹⁸

Portanto, de maneira simplista, podemos indicar três orientações sexuais: Heterossexual (aqueles indivíduos que tem o seu erotismo, desejo e afeto direcionados

¹⁵ WYLLYS, Jean Tempo Bom, Tempo Ruim - Identidades, Políticas e Afetos. Paralela p.

¹⁶ O termo atual oficialmente usado para a diversidade no Brasil é LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). A alteração do termo GLBT em favor de LGBT foi aprovada na 1ª Conferência Nacional GLBT realizada em Brasília no período de 5 e 8 de junho de 2008. A mudança de nomenclatura foi realizada a fim de valorizar as lésbicas no contexto da diversidade sexual e também de aproximar o termo brasileiro com o termo predominante em várias outras culturas.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/LGBT>

¹⁷ WYLLYS, Jean Ops Cit

¹⁸ DIRETRIZES CURRICULARES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ VERSÃO PRELIMINAR Curitiba - Pr 2010

para indivíduos do sexo oposto); Homossexual (aqueles indivíduos que tem o seu erotismo, desejo e afeto direcionados para indivíduos do mesmo sexo, compreendendo lésbicas e gays) e. Bissexual (aqueles indivíduos que tem o seu erotismo, desejo e afeto direcionados para ambos os sexos). Entretanto, diversos movimentos defendem uma maior fluidez nestes conceitos.

Já a identidade de gênero pode ser conceituada da seguinte forma:

Expressão utilizada primeiramente no campo médico-psiquiátrico para designar os “transtornos de identidade de gênero”, isto é, o desconforto persistente criado pela divergência entre o sexo atribuído ao corpo e a identificação subjetiva com o sexo oposto. Entretanto, atualmente, a identidade de gênero corresponde à experiência de cada um, que pode ou não corresponder ao sexo do nascimento. Podemos dizer que a identidade de gênero é a maneira como alguém se sente e se apresenta para si ou para os outros na condição de homem ou de mulher, ou de ambos, sem que isso tenha necessariamente uma relação direta com o sexo biológico. É composta e definida por relações sociais e moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. Os sujeitos têm identidades plurais, múltiplas, identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem até ser contraditórias. Os sujeitos se identificam, social e historicamente, como masculinos e femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Cabe enfatizar que a identidade de gênero trata-se da forma que nos vemos e queremos ser vistos, reconhecidos e respeitados, como homens ou mulheres, e não pode ser confundida com a orientação sexual (atração sexual e afetiva pelo outro sexo, pelo mesmo sexo ou por ambos).¹⁹

Portanto, podemos de maneira simplista, apontar duas identidades de gênero: A Cisgênero (aqueles indivíduos que possuem identidade de gênero correspondente ao seu sexo biológico) e a Transgênero (aqueles indivíduos que possuem identidade de gênero discordante a seu sexo biológico. Dentro desta identidade estão as travestis, as mulheres transexuais e os trans homens).

É importante salientar que existem indivíduos que confrontam este sistema polar e se autodenominam como fluidos ou não-binários.²⁰

Cada um dos segmentos representados na sigla LGBT vivencia o preconceito e a discriminação sob uma determinada posição hierárquica dentro das relações de poder na sociedade. Portanto, estas violências são também diferenciadas. Logo:

Homofobia: termo usado para descrever vários fenômenos sociais relacionados ao preconceito, a discriminação e à violência contra os homossexuais (ter desprezo, ódio, aversão ou medo de pessoas com orientação sexual diferente do padrão heterossexual). O termo, no entanto, não se refere ao conceito tradicional de fobia, facilmente associável à ideia de doença e tratados com terapias e antidepressivos. Atualmente, grupos lésbicos, bissexuais e transgêneros, com o intuito de

¹⁹ idem

²⁰ Tal qual a heteronormatividade, surge em paralelo o conceito de cisnormatividade, que surge pra trazer visibilidade ‘a pressão social para normatividade cisgênero’.

conferir maior visibilidade política à suas lutas e criticar normas e valores postos pela dominação masculina, propõem, também, o uso dos termos lesbofobia, bifobia e transfobia. Daniel Borrillo faz uma leitura epistemológica e política desse conceito, não para compreender a origem e o funcionamento da homossexualidade, mas para “analisar a hostilidade provocada por essa forma específica de orientação sexual”. Segundo este autor quando a homossexualidade requer publicamente sua expressão é que se torna insuportável, pois rompe com a hierarquia da ordem sexual.²¹

Lesbofobia: termo usado para descrever vários fenômenos sociais relacionados ao preconceito, a discriminação e à violência contra as lésbicas (ter desprezo, ódio, aversão ou medo de pessoas com orientação sexual diferente do padrão heterossexual). **Além dos padrões presentes no conceito de homofobia abarca também o MACHISMO:** é a crença de que os homens são superiores às mulheres. É uma construção cultural que definiu que as características atribuídas aos homens, tem um valor maior. Se pensarmos na educação de meninos e meninas, veremos que há um tratamento diferenciado que reproduz as manifestações de machismo nos meninos, e às vezes, nas próprias meninas. Ao incentivar (infidelidade, violência doméstica, esporte, diferença de direitos).

Transfobia: termo usado para descrever vários fenômenos sociais relacionados ao preconceito, a discriminação e à violência contra transexuais (ter desprezo, ódio, aversão ou medo de pessoas com identidade de gênero diferente do padrão cisgênero).²²

A partir do reconhecimento das diferenças entre as fobias acima citadas, nasce um novo termo: LGBTfobia. A utilização desta nova palavra tem por objetivo, englobar em apenas um verbete, todas estas formas de preconceito, com o cuidado de não invisibilizar as violências vivenciadas de forma diferenciada por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Como aponta Guacira:

Ainda que normas culturais de há muito assentadas sejam reiteradas por várias instâncias, é indispensável observar que, hoje, multiplicaram-se os modos de compreender, de dar sentido e de viver os gêneros e a sexualidade. Transformações são inerentes à história e à cultura, mas, nos últimos tempos, elas parecem ter se tornado mais visíveis ou ter se acelerado. Proliferaram vozes e verdades. Novos saberes, novas técnicas, novos comportamentos, novas formas de relacionamento e novos estilos de vida foram postos em ação e tornaram evidente uma diversidade cultural que não parecia existir. Cada vez mais perturbadoras, essas transformações passaram a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais.²³

Portanto, podemos caracterizar a diversidade sexual como “*as muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o*”

“A diferença não é natural, mas sim naturalizada. A diferença é produzida através de processos discursivos e culturais. A diferença é ensinada. Aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura,

²¹ DIRETRIZES CURRICULARES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ VERSÃO PRELIMINAR Curitiba - Pr 2010

²² idem

²³ LOURO, Guacira Lopes “Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas”. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008 p. 19

através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. [...] As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la”.²⁴

Dado ao exposto nesta introdução, irei no primeiro capítulo, apontar e levantar o modo no qual a Prefeitura do Município do Rio de Janeiro se posiciona diante dos desafios contemporâneos relativos à diversidade sexual.

²⁴ *idem*

Capítulo 1 – A Prefeitura do Rio de Janeiro e a questão da Diversidade Sexual

1.1 As políticas públicas de defesa à diversidade sexual no município do Rio de Janeiro

O município do Rio de Janeiro tem um histórico de pioneirismo em nosso país em relação a luta pelos direitos dos cidadãos e cidadãs lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Em 12 de setembro de 1996, por iniciativa da Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, era publicada no Diário Oficial e assinada pelo então prefeito César Maia, a Lei Municipal 2475/96. Esta Lei *pune administrativamente estabelecimentos comerciais, industriais e os servidores públicos municipais que discriminarem pessoas por conta de sua orientação sexual e identidade de gênero*.²⁵ No evento de comemoração dos dezoito anos da assinatura desta importante conquista para o pleno exercício da cidadania LGBT, Jurema Batista, que foi uma das vereadoras responsáveis pela criação da Lei, relatou:

É bonito que a história sempre volta. Fui vereadora com o saudoso vereador Augusto Boal e nós aprovamos essa lei na Câmara. O grupo Atobá ²⁶ levou para nós a ideia de criar essa lei. Eu era vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Vereadores naquela época e lembro que foi uma bela discussão sobre a criação dessa lei. A sociedade ainda começava a dar os primeiros passos nessa questão de garantia de direitos.²⁷

A Lei tem como embasamento o § 1º do art. 5º da Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro, que determina que:

Ninguém será discriminado, prejudicado ou privilegiado em razão de nascimento, idade, etnia, cor, sexo, estado civil, orientação sexual, atividade física, mental ou sensorial, ou qualquer particularidade, condição social ou, ainda, por ter cumprido pena ou pelo fato de haver litigado ou estar litigando com órgãos municipais na esfera administrativa ou judicial²⁸

²⁵ Lei 2475/96 | Lei nº 2475 de 12 de setembro de 1996 – Disponível em <http://cm-rio-de-janeiro.jusbrasil.com.br/legislacao/270318/lei-2475-96> -- última visualização em 22/06/2016 às 13:30

²⁶ O Grupo Atobá – Movimento de Emancipação Homossexual – nasceu em setembro de 1985, no Rio de Janeiro, quando o homossexual Sidney Quintanilha dos Santos foi brutalmente assassinado. Indignados com a impunidade, um grupo de amigos da vítima decidiu se juntar para lutar por direitos e cidadania. Para mais ler: PRATA, Marcelo Ricardo. *A discriminação contra os homossexuais e os movimentos em defesa de seus direitos*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

²⁷ Disponível em <http://www.fongeslgbt.com.br/prefeitura-do-rio-comemora-os-18-anos-da-lei-de-combate-a-discriminacao> -- última visualização em 22/06/2016 às 13:45

²⁸ Disponível em http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4946719/4126916/Lei_Organica_MRJ_comaltdo205.pdf -

Esta Lei se tornou referência e modelo para outros municípios. Entretanto, ela só veio a se estender para todo o Estado do Rio de Janeiro no ano de 2015, dezenove anos após ter sido aprovada pela Câmara de Vereadores do Município.

A Lei Estadual 7.041 de 2015 foi aprovada em sessão plenária da Assembleia Legislativa do Rio, e foi sancionada pelo então governador Luiz Fernando Pezão, na data de 15 de julho de 2015. Seguindo texto similar ao da Lei Municipal, a Lei Estadual define como discriminação "*recusar ou impedir o acesso ou a permanência ou negar atendimento*", "*impor tratamento diferenciado ou cobrar preço ou tarifa extra para ingresso ou permanência e negar oportunidades do trabalho devido à orientação sexual de alguém*". Como diferencial, há a inclusão, em um de seus incisos, da proibição da prática, indução e incitação "*pelos meios de comunicação social ou de publicação de qualquer natureza, a discriminação, preconceito ou prática de atos de violência ou coação contra qualquer pessoa em virtude de sua orientação sexual*".²⁹

A Prefeitura do Rio de Janeiro também esteve na vanguarda da garantia de direitos a casais do mesmo sexo em relação à previdência e Assistência dos Servidores Públicos do Município. Em 28 de dezembro de 2001, foi assinada pelo então prefeito Cesar Maia, a Lei 3.344, de autoria do próprio Poder Executivo. A partir deste decreto "*Considera-se igualmente dependente para efeito do disposto nesta Lei, pessoa que mantenha união estável com outra pessoa do mesmo sexo, que seja servidor ou servidora do Município*".³⁰

Em 18 de julho de 2007, foi assinada e sancionada também pelo prefeito César Maia, a Lei 4.566, de autoria do vereador Luiz Humberto, que autorizava o Poder Executivo a incluir, como dependentes no plano de saúde da Prefeitura, os companheiros do mesmo sexo dos servidores municipais.

Art. 1.º Fica autorizado o Poder Executivo a incluir, como dependentes no plano de saúde da Prefeitura, os companheiros de mesmo sexo que dependam economicamente ou participem de grupo familiar dos servidores municipais, resguardando os direitos da liberdade de opção sexual garantido na Constituição Federal, inibindo atos discriminatórios, passíveis de punição na forma da legislação específica³¹

²⁹ Disponível em <http://www.amperj.org.br/emails/L-RJ7041.pdf>

³⁰ Disponível em http://cedsrio.com.br/public/pdf/34.º_3

³¹ Disponível em http://cedsrio.com.br/public/pdf/35.º_4

Em 02 de novembro de 2009, o Rio de Janeiro foi eleito, pela primeira vez, o melhor destino gay do mundo. Em eleição realizada na cidade de Boston, nos Estados Unidos, a cidade venceu destinos tradicionalmente procurados pelo turismo de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, como Barcelona, Buenos Aires, Londres, Montreal e Sydney. Este concurso foi realizado pelo canal norte-americano *LogoTV* durante a X Conferência Internacional de Turismo LGBT. O prefeito Eduardo Paes afirmou a época

“O título de melhor destino gay é mais um reconhecimento da hospitalidade do nosso povo, que faz todos os visitantes se sentirem em casa. É um prazer e orgulho ser o prefeito de uma cidade acolhedora que respeita e valoriza as diferenças”³²

1.2 A criação da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual da Prefeitura do Rio de Janeiro [CEDS-Rio]

Já na gestão de Eduardo Paes, ainda em seu primeiro mandato, foi criada a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual da Prefeitura do Rio de Janeiro (CEDS-RIO). O termo Especial é utilizado para conferir status de Secretaria a este órgão, não estando hierarquicamente inferior a nenhuma Secretaria, já que ele está inserido diretamente na estrutura organizacional do Gabinete do Prefeito.

No *uso de suas atribuições legais*, o prefeito Eduardo Paes considerou como justificativas para a criação da CEDS as determinações constantes nos artigos. 4º, 5º e o § 1º da Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro, que determinam que:

Art. 4º - O Município promoverá os valores que fundamentam a existência e a organização do Estado brasileiro, resguardando a soberania da Nação e de seu povo, a dignidade da pessoa humana, o caráter social do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo, visando à edificação de uma sociedade livre, justa e fraterna, isenta do arbítrio e de preconceitos de qualquer espécie e assentada no regime democrático.

Art. 5º - Através da lei e dos demais atos de seus órgãos, o Município buscará assegurar imediata e plena efetividade dos direitos e franquias individuais e coletivos sancionados na Constituição da República, bem como de quaisquer outros decorrentes do regime e dos princípios que ela adota e daqueles constantes dos atos internacionais firmados pelo Brasil.

§ 1º - Ninguém será discriminado, prejudicado ou privilegiado em razão de nascimento, idade, etnia, cor, sexo, estado civil, orientação sexual, atividade física, mental ou sensorial, ou qualquer particularidade, condição social ou, ainda, por ter cumprido pena ou pelo fato de haver

³²Retirado de <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1363299-5606.00-RIO+E+ELEITO+MELHOR+DESTINO+GAY+DO+MUNDO+DURANTE+CONFERENCIA+NOS+EUA.html> - Última visualização em 18/06/2016

litigado ou estar litigando com órgãos municipais na esfera administrativa ou judicial.³³

Outra justificativa legal para a criação da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual, pela Prefeitura do Rio de Janeiro, foram as diretrizes do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3). Na apresentação deste Programa, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assina as seguintes palavras:

“Ao assinar o decreto presidencial que institui o terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH-3, reafirmo que o Brasil fez uma opção definitiva pelo fortalecimento da democracia. Não apenas democracia política e institucional, grande anseio popular que a Constituição de 1988 já materializou, mas democracia também no que diz respeito à igualdade econômica e social. O PNDH-3 representa um verdadeiro roteiro para seguirmos consolidando os alicerces desse edifício democrático: diálogo permanente entre Estado e sociedade civil; transparência em todas as esferas de governo; primazia dos Direitos Humanos nas políticas internas e nas relações internacionais; caráter laico do Estado; fortalecimento do pacto federativo; universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais; opção clara pelo desenvolvimento sustentável; respeito à diversidade; combate às desigualdades; erradicação da fome e da extrema pobreza.”³⁴

O PNDH-3 determina 25 diretrizes. Dentre estas, podemos apontar:

Diretriz 1: Interação democrática entre Estado e sociedade civil como instrumento de fortalecimento da democracia participativa; Diretriz 2: Fortalecimento dos Direitos Humanos como instrumento transversal das políticas públicas e de interação democrática; Diretriz 3: Integração e ampliação dos sistemas de informação em Direitos Humanos e construção de mecanismos de avaliação e monitoramento de sua efetivação; Diretriz 5: Valorização da pessoa humana como sujeito central do processo de desenvolvimento; Diretriz 7: Garantia dos Direitos Humanos de forma universal, indivisível e interdependente, assegurando a cidadania plena; Diretriz 10: Garantia da igualdade na diversidade; Diretriz 18: Efetivação das diretrizes e dos princípios da política nacional de educação em Direitos Humanos para fortalecer cultura de direitos; Diretriz 21: Promoção da Educação em Direitos Humanos no serviço público.³⁵

A partir destas justificativas legais, o Prefeito Eduardo Paes assinou, na data de 02 de fevereiro de 2011, o decreto municipal de número 33.376, que criava a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual. Entre as considerações para a criação do órgão, o decreto aponta

³³ Disponível em

http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4946719/4126916/Lei_Organica_MRJ_comaltdo205.pdf.

³⁴ Retirado de <http://www.sdh.gov.br/assuntos/direito-para-todos/programas/pdfs/programa-nacional-de-direitos-humanos-pndh-3>

Última visualização em 19/06/2016

³⁵ idem

a necessidade de formular e implementar Políticas Públicas de enfrentamento ao preconceito e à discriminação por orientação sexual e de identidade de gênero, no Município do Rio de Janeiro” e “a necessidade de desenvolver ações afirmativas que promovam a inclusão e proteção à cidadania de pessoas que, por conta de sua orientação sexual, expressão ou identidade de gênero, veem seus direitos e garantias fundamentais violados”.³⁶

A partir destas justificativas legais e considerações, a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual do Rio de Janeiro nasce com as seguintes competências:

- Propor Políticas Públicas de promoção de uma cultura de respeito à livre orientação sexual e identidade de gênero, que favoreçam a visibilidade e o reconhecimento social do cidadão LGBTTT carioca - lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, no âmbito do Município do Rio de Janeiro.
- Articular-se com as diversas Políticas Públicas Setoriais - trabalho, emprego e renda;
- Cultura e educação; comunicação; saúde; segurança - no âmbito da PCRJ, de forma a promover a igualdade e a proteção dos direitos do cidadão LGBTTT carioca;
- Planejar, coordenar, monitorar e avaliar ações, programas, projetos e pesquisas, que contribuam para efetiva integração cultural, econômica, social e política do cidadão LGBTTT carioca;
- Coordenar as ações relativas a articulação e cooperação técnica com organismos nacionais e internacionais, públicos ou privados, que desenvolvam ações de atendimento e de implementação de políticas voltadas do cidadão LGBTTT;
- Implementar campanhas educativas de combate a violência e de superação de preconceitos relacionados à orientação sexual e identidade de gênero, no âmbito do Município do Rio de Janeiro;
- Acompanhar a implementação de legislação referente à defesa dos direitos do cidadão LGBTTT;
- Acompanhar o cumprimento de acordos e convenções internacionais assinados pelo Brasil, que digam respeito à promoção e garantia dos direitos humanos de pessoas com orientação e identidade de gênero diversa³⁷

Para coordenar este novo órgão, o Prefeito Eduardo Paes nomeou o estilista e militante Carlos Tufvesson. O convite foi realizado durante a nona edição do evento “A Moda na Luta Contra o HIV”, realizado em 23 de novembro de 2010, e organizado por Tufvesson para trazer visibilidade para a prevenção de DST (doenças sexualmente transmissíveis) e angariar fundos para a Sociedade Viva Cazusa, que vivia forte crise financeira. Durante a solenidade, além de anunciar, segundo ambos, de surpresa, a futura criação de uma coordenadoria para a promoção de direitos e cidadania LGBT, o prefeito o convidou para guiar o órgão.

Carlos Tufvesson se tornou primeiramente conhecido por seu trabalho na moda. Especializado em vestidos de festa e de alta costura, ele é filho da também estilista

³⁶Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2011/3338/33376/decreto-n-33376-2011-cria-a-coordenadoria-especial-da-diversidade-sexual-no-gabinete-do-prefeito-gbp->

³⁷idem

Glorinha Pires Rebelo. Estudou na Domus Academy em Milão e na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro, e se tornou um dos grandes nomes da moda brasileira.

Entretanto, Tufvesson ganhou destaque nacional também por sua militância pelos direitos civis de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros. Com uma relação de mais de vinte anos com o arquiteto André Piva, o casal se tornou um dos maiores representantes da luta pelo casamento civil no Brasil. Há anos, os dois expõem abertamente a sua relação como uma forma de trazer visibilidade para os casais do mesmo sexo e suas demandas:

“Há 20 anos ninguém tinha visto casais se beijando ou declarando publicamente o seu amor em matérias jornalísticas. Eu e André nos prestamos a fazer isso. Era necessário perguntar: qual é a diferença? Há muito tempo fomos responsáveis por visibilizar o que é o amor entre duas pessoas do mesmo sexo”, afirma Tufvesson³⁸

Um exemplo é que eles foram o primeiro casal homossexual a ser citado no prestigiado anuário da Sociedade Brasileira, livro que reúne os nomes da alta sociedade do país.

“O preconceito é bem democrático ele atinge a todo mundo, a todas as classes sociais, religiões e raças. Só foi mais fácil para mim por ser de uma classe social mais favorecida porque posso contratar um advogado ou ter acesso ao conhecimento e me defender. Mas, só. Mas estudo também não está ligado a classe social. Tem muita gente da minha classe social, que é completamente ignorante. Acho que é mais fácil pela minha profissão, talvez. Sou um profissional respeitado, sou dono da minha empresa, assim como o André. A gente não tem que ficar preocupado se vai deixar de ser promovido ou não porque se assumiu gay. Mas é só isso. Não é fácil para ninguém. Preconceito a gente sofre desde criança. Quanto ao anuário da Sociedade Brasileira, o que aconteceu foi que a gente era citada em verbetes separados, mas no mesmo endereço, na mesma edição. Aquilo me incomodou. Liguei para a Helena Gondim, na época, e falei que não queria continuar no livro. Ou ela me colocava como um casal ou me tirava. Porque eu e o André somos um casal, temos um casamento e todo mundo sabe disso. Foi bacana porque ela topou e ainda ligou para outros casais perguntando se queriam a mesma coisa. Mas só eu e o Gilberto Braga topamos figurar como casal no anuário. Mas entendo que ninguém é obrigado a assumir nada. Eu só tenho que lutar para que as pessoas tenham o direito de escolher e exercer sua cidadania”.³⁹

³⁸ Retirado de <http://atarde.uol.com.br/moda/noticias/1750896-o-preconceito-e-democratico-atinge-a-todos-diz-tufvesson-premium>

Última visualização em 18/06/2016

³⁹ Retirado de <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/06/o-preconceito-e-democratico-e-atinge-todas-classes-afirma-carlos-tufvesson.html>

Última visualização em 18/06/2016

É imprescindível levantar que o reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar pelo Supremo Tribunal Federal (STF) tem em muito a participação do coordenador especial da diversidade sexual do Rio de Janeiro. Junto a um grupo de ativistas (dentre eles Carlos Alexandre Neves Lima, advogado constitucionalista e atual assessor jurídico da CEDS-Rio), Carlos Tufvesson apresentou ao então governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, a possibilidade de Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) n.º 132.

“A minha militância diz respeito à desmistificação desse aspecto de diferença sobre o casamento gay. Nós, da Ceds, encaminhamos para o governador do estado Sérgio Cabral (PMDB) a proposta de levar até o STF a discussão sobre o casamento gay. A nossa intenção era retirar a ideia de que esse é um tipo de casamento específico. É como outro qualquer. Todos os cidadãos têm que ter acesso a esse direito civil. Esse não é um direito especial. Essa foi a tese vencedora em votação unânime”.⁴⁰

Tal arguição foi assinada por Cabral e enviada ao STF, que em 5 de maio de 2011, a julgou em conjunto da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) n.º 4277, proposta pela Procuradoria-Geral da República. Dando, ao final, um parecer unânime e positivo ao reconhecimento da união homoafetiva em todo o território brasileiro. Em seu voto, o relator do processo, Ministro Ayres Britto, afirmou:

“Um tipo de liberdade que é, em si e por si, um autêntico bem de personalidade. Um dado elementar da criatura humana em sua intrínseca dignidade de universo à parte. Algo já transposto ou catapultado para a inviolável esfera da autonomia de vontade do indivíduo, na medida em que sentido e praticado como elemento da compostura anímica e psicofísica (volta-se a dizer) do ser humano em busca de sua plenitude existencial. Que termina sendo uma busca de si mesmo, na luminosa trilha do “Torna-te quem és”, tão bem teoricamente explorada por Friedrich Nietzsche. Uma busca da irrepetível identidade individual que, transposta para o plano da aventura humana como um todo, levou Hegel a sentenciar que a evolução do espírito do tempo se define como um caminhar na direção do aperfeiçoamento de si mesmo (cito de memória). Afinal, a sexualidade, no seu notório transitar do prazer puramente físico para os colmos olímpicos da extasia amorosa, se põe como um *plus* ou superávit de vida. Não enquanto um *minus* ou déficit existencial. Corresponde a um ganho, um bônus, um regalo da natureza, e não a uma subtração, um ônus, um peso ou estorvo, menos ainda a uma reprimenda dos deuses em estado de fúria ou de alucinada retaliação perante o gênero humano.”⁴¹

⁴⁰Retirado de <http://atarde.uol.com.br/moda/noticias/1750896-o-preconceito-e-democratico-atinge-a-todos-diz-tufvesson>

Última visualização em 18/06/2016

⁴¹Disponível em <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADI4277revisado.pdf>

Mesmo após a histórica decisão do Supremo Tribunal Federal, o próprio Carlos Tufvesson enfrentou dificuldades para converter a sua união, com André Piva, em casamento.

“A minha festa de casamento aconteceu no ano de 2011, mas, mesmo com a decisão do STF, um juiz me negou o direito de casar no civil. Mesmo depois da maior instância jurídica ter assegurado o direito a todos os casais homossexuais no Brasil. Todo mundo fala: "ah, mas o Carlos Tufvesson é branco, rico, cisgênero, influente e, por isso, não vai sofrer nenhum tipo de preconceito". Só que o preconceito é democrático. Ele atinge a todo mundo. Eu soube da decisão do juiz pelo jornal O Globo, na coluna do Anselmo Góis. Esse é um bom exemplo de desrespeito ao cidadão.”⁴²

Carlos Tufvesson é também um ardoroso ativista na luta contra o HIV. Apesar de não ser soropositivo (portador do vírus), o estilista sempre esteve a frente de campanhas, como “A Moda na Luta Contra o HIV”, para trazer visibilidade e angariar fundos para centros de referência e acolhimento às vítimas da AIDS. Em entrevista para a AIDS.gov, portal do Ministério da Saúde do Governo Federal, direcionado especialmente para as questões relativas à esta causa, ele contou um pouco sobre as suas motivações e explicou uma de suas campanhas realizadas no ano de 2007.

“Desde a minha estreia, entro na passarela com a fita vermelha, símbolo da luta contra a Aids, no peito. Ninguém nunca me perguntou por quê. Nenhum jornalista parece ter reparado. A moda brasileira nunca fez nada em prol da luta contra a Aids. Fico indignado, pois o mundo da moda, principalmente o carioca, foi dizimado alguns anos atrás justamente por essa epidemia. As perdas foram muitas e irreparáveis e ninguém reagiu. Gente! Um dos grupos em que o índice de contaminação mais cresce é o das mulheres heterossexuais. E esse é o nosso público-alvo!

Nós, profissionais da moda, só temos nossas vitrines. E, nesta época do ano, muita gente para diante delas. Eu pretendia fazer um grande chamado, um movimento nacional até. Como não houve tempo, me dirigi aos lojistas e estilistas da Associação do Charme de Ipanema. Não precisei convencer ninguém. Os números falam por si: segundo dados da Unaid (Programa das Nações Unidas para HIV/Aids), há mais de 40 milhões de pessoas contaminadas pelo HIV no mundo. Ficou decidido que cada loja estampará o laço vermelho em sua vitrine e venderá, por R\$ 50, uma camiseta criada para a campanha, ou destinará parte dos lucros das vendas do dia 24 de novembro ao dia 1º de dezembro para a Sociedade Viva Cazuza e a Casa Maria de Magdala, que cuidam de jovens com Aids. Já temos uma geração inteira que está crescendo com Aids.”⁴³

⁴²Retirado de <http://atarde.uol.com.br/moda/noticias/1750896-o-preconceito-e-democratico-atinge-a-todos-diz-tufvesson-premium>

Última visualização em 18/06/2016

⁴³Retirado de <http://www.aids.gov.br/noticia/com-um-discurso-politizado-e-uma-personalidade-combativa-mas-ao-mesmo-tempo-despojada-o-esti>

Todavia, a escolha do nome de Carlos Tufvesson não é uma unanimidade dentro do movimento de militância LGBT. Por sua origem da alta sociedade brasileira, ele recebe constantes críticas por não compreender a importância de questões como representatividade e visibilidade. Em um recente evento promovido pela CEDS-Rio, o coordenador especial da diversidade sexual recebeu uma série de questionamentos acerca de suas escolhas a frente do órgão municipal. Em um blog, o colunista Leopoldo Duarte questionou:

(...)como pode alguém ser indicado, aceitar e ocupar por CINCO anos um cargo numa coordenaria envolvendo “Diversidade” e Direitos Humanos e achar que representatividade é algo menor? Que tipo de comprometimento com a inclusão social que só convida amigos e pessoas próximas para protagonizar pauta coletiva? Será que realmente precisamos importar tragédias LGBT? Somos recordistas em vítimas fatais por homolebotransfobia! Não faz um mês que perdemos a mãe-preta-lésbica-favelada **Luana Barbosa dos Reis** assassinada pelos mesmos oficiais da lei que esperam prender LGBTfóbicos — e que contribui para a morte de jovens negros que atinge uma taxa, por dia, maior do que o terrorista ianque em Orlando — e vamos ficar apagando essa tragédia tão mais próxima e constante por aqui? Como é que num evento que se propõe a apresentar a realidade LGBT das favelas cariocas perde-se tanto tempo discutindo pink money? Será que somos uma identidade definida puramente pelo consumo? Será que dar dinheiro para empresas que lucram com nossa luta resolve alguma coisa? Essas empresas fazem tanto lobby político pela nossa causa quanto fazem para enfraquecer direitos trabalhistas? ⁴⁴

1.3 As políticas públicas adotadas pelo município do Rio de Janeiro após a criação da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual

A Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual tem como sede uma sala no Palácio da Cidade, um dos centros administrativos da Prefeitura do Rio de Janeiro, que fica localizado em Botafogo, zona sul da cidade. Em sua estrutura, conta atualmente com uma equipe formada por dez pessoas, dentre eles: dois assessores jurídicos, dois assessores de comunicação, uma assessora de projetos, uma assessora técnica de saúde, uma supervisora de projetos trans, uma assistente, uma secretária e uma atendente. Dentre os servidores estão funcionários de diferentes orientações sexuais e identidade de gênero, para que o cidadão ou cidadã possa se sentir acolhido em um ambiente diverso e livre de preconceitos.

Logo em seus primeiros meses de atividade, a CEDS-Rio apresentou expressivos e surpreendentes resultados. Já em 18 de maio de 2011, apenas três meses após a sua

⁴⁴ Retirado de <http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2016/07/04/diversidade-a-ceds-representa/> - última visualização em 25/06/2016

criação, foi assinado um pacote de decretos e portarias visando assegurar a livre expressão da diversidade sexual, preservando a cidadania e garantindo os direitos dos cidadãos e cidadãs LGBT no município.

O primeiro destes decretos dispõe sobre a obrigatoriedade do aviso da Lei 2.475/1996 nos postos de atendimento dos serviços públicos municipais. Como explicitado anteriormente, esta Lei *pune administrativamente estabelecimentos comerciais, industriais e os servidores públicos municipais que discriminarem pessoas por conta de sua orientação sexual e identidade de gênero*. A obrigatoriedade da exposição de aviso com esta Lei visa conscientizar o cidadão sobre os seus direitos, mas também, conscientizar o servidor público sobre os seus deveres.⁴⁵

Outro importante decreto dispõe sobre a inclusão e uso do nome social de pessoas travestis e transexuais no âmbito da Administração Direta e Indireta. Uma das principais demandas de luta da militância trans, o nome social é aquele pelo qual travestis e transexuais se identificam e são identificadas em seu meio social.

Segundo o psicanalista Joel Birman, proibir transexuais de usar seus nomes sociais, obrigando-os a manter os nomes de suas certidões de nascimento, é uma “violência psicológica”.

Os pilares do tratamento para os trans são a realização da cirurgia para mudar a anatomia, a utilização de hormônios e a mudança do nome nos registros. Desde que a cirurgia de mudança de sexo foi criada na Dinamarca, nos anos 1940, esses três aspectos são entendidos pela classe médica como condições para que essas pessoas possam viver bem. Então, quando deputados tentam impedir o uso do nome social, estão contrariando todo um movimento de modernização que tivemos no mundo. É uma violência psicológica com essas pessoas.⁴⁶

Em âmbito federal, tal conquista apenas ocorreria, cinco anos depois, na data de 28 de abril de 2016, quando a Presidenta Dilma Rousseff assinou decreto que *“permite o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional”*.⁴⁷

⁴⁵Disponível em

<http://www.cedsrio.com.br/site/sites/default/files/DECRETO%20Nº%2033815%20DE%2018%20DE%20MAIO%20DE%202011.pdf>

⁴⁶ Retirado de <http://oglobo.globo.com/sociedade/impedir-trans-de-usar-nome-social-violencia-diz-psicanalista-19346079#ixzz4CAE23AJ8>

Última visualização em 18/06/2016

⁴⁷ Retirado de <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/04/dilma-assina-decreto-que-autoriza-uso-de-nome-social-no-servico-publico>). - Última visualização em 18/06/2016

Ainda em 18 de maio de 2011, foi assinada uma resolução conjunta para reformular o Projeto DAMAS, através de uma parceria entre a Coordenadoria Especial Da Diversidade Sexual e a Secretaria Municipal De Assistência Social (SMAS).⁴⁸

“Uma pesquisa que nos foi entregue pelo grupo Transrevolucao em 2011, indica que 90% das travestis e transexuais que se prostituem nas ruas do rio gostariam de estar inseridas no mercado formal de trabalho. O Projeto Damas procura capacitá-las para minimizar o preconceito na hora da contratação, mas sabemos, por relatos, que o preconceito ultrapassa a competência técnico profissional na hora da seleção. A prostituição não é crime no Brasil, mas ninguém pode ser obrigado a se prostituir para garantir o seu sustento”.⁴⁹

Segundo as palavras do coordenador do Projeto DAMAS, Carlos Alexandre Neves Lima, tal iniciativa tem por objetivo “desenvolver e implementar um programa de inserção cidadã de travestis e transexuais”, visando

(...)garantir condições concretas de crescimento humano, resgate da autoestima, construção/aceitação de sua identidade, através de atividades de treinamento que incentivem a produtividade, a auto sustentabilidade, a empregabilidade, o aumento de escolaridade, a capacitação e o acesso aos programas sociais e culturais disponibilizados pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro”.⁵⁰

O projeto prevê um período aproximado de 06 meses de aulas teóricas e 03 meses “Vivência Profissional”, em que cada uma é inserida num órgão público para experimentarem a vivência profissional em ambientes de trabalho, respeitando-se seus perfis e vocação. Nessa fase, *“a pessoa trans é inserida num ambiente diverso, onde a heteronormatividade é o padrão, experimentando efetivamente a convivência com a diversidade de pessoas, horários, hierarquia e atividades profissionais”*, diz Carlos Alexandre.⁵¹

O Projeto DAMAS é atualmente realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social; a Secretaria Municipal de Educação; a Secretaria Municipal de Saúde; a Secretaria Municipal de Trabalho e Emprego; a Secretaria Municipal de Educação e a Secretaria Municipal de Cultura. Participam também o Ministério Público/RJ e a Defensoria Pública/RJ, além de professores

⁴⁸Disponível em

<http://www.cedsrio.com.br/site/sites/default/files/RESOLUÇÃO%20CONJUNTA%20CEDS-SMAS%20Nº%20001-2011,%20de%2018%20de%20maio%20de%202011.pdf>

⁴⁹ Retirado de <http://www.cedsrio.com.br/site/noticias/2014-01/ceds-rio-e-sms-realizam-o-ii-seminario-de-cidadania-trans-dignidade-inclusao-e-re-0> - Última visualização em 18/06/2016

⁵⁰ Disponível no documento “Projeto Damas – Informações preliminares” no anexo deste trabalho

⁵¹ idem

voluntários que ministram oficinas diversas (História LGBT; Etiqueta; Informações básicas na área de eventos, de gestão, de marketing e de relacionamento e Atividades Psicoterapêuticas, entre vários outros).

Ainda dentro deste Pacote de Medidas de 18 de Maio de 2011, foi assinada uma portaria que “*estabelece a atuação da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual para inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao “bullying” motivado pela homofobia*”. Tal portaria qualifica como uma

“(…)obrigação implementar campanhas educativas de combate a violência e de superação de preconceitos relacionados à orientação sexual e identidade de gênero, no Município do Rio de Janeiro” sendo “imprescindível a política pública para garantia de respeitabilidade das orientações sexuais e identidade de gênero”⁵²

Em 28 de junho de 2012, uma importante data, já que se completava 43 anos do *Levante de Stonewall*, importante marco da luta por cidadania LGBT no mundo, foi assinado o decreto de número 35.816, que em sua escrita determina que:

Art. 1.º A Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil - SMSDC informará a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual - CEDS sobre as ocorrências de violência sofridas por Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis e Transexuais - LGBT motivadas por homofobia, na rede de saúde no âmbito municipal, público e privado, com detalhamento dos fatos, local de ocorrência e as providências adotadas.

§1.º A identificação da pessoa LGBT vítima da violência dependerá de sua anuência ou, se esta não estiver em condições de se manifestar, de sua família e/ou companheiro.

§2.º É de responsabilidade do profissional que fez o primeiro atendimento a notificação compulsória no sistema SINAN.⁵³

É importante explicitar que o Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN é um “*recurso informatizado para coletar e disseminar dados gerados rotineiramente pelo Sistema de Vigilância Epidemiológica das Secretarias Municipais e Estaduais de Saúde*”. Ele tem por objetivo “*possibilitar uma análise global integrada de todas as doenças e agravos que constituem objeto de notificação compulsória, interesse nacional, estadual e/ou municipal*”; sendo desta forma uma importante ferramenta para a “*tomada de decisões em nível Municipal, Estadual e Federal*”. Vale

⁵²Disponível em

<http://www.cedsrio.com.br/site/sites/default/files/PORTARIA%2001%20de%2018%20de%20maio%20e%202011.pdf>

⁵³Disponível em

<http://www.cedsrio.com.br/site/sites/default/files/DECRETO%20notificação%20compulsoria.pdf>

ressaltar o que o sistema já registrava os atendimentos de violência contra mulheres, idosos, crianças e adolescentes.⁵⁴

Assim como em decretos anteriores, tal política pública foi posteriormente adotada em âmbito federal. No ano de 2013, na gestão do ministro Alexandre Padilha, o Ministério da Saúde adotou tal medida “*como forma de dar legitimidade à promoção e garantia de direitos à comunidade LGBT*”.⁵⁵

Em 19 de julho de 2013, em uma parceria da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual com a Secretaria Municipal de Saúde (SMS-Rio), foi criado o Programa de Atenção Integral à Saúde da População de Transexuais e Travestis na Rede Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.⁵⁶

No site da CEDS-Rio, este Programa é apresentado da seguinte forma:

Encaminhada à CEDS-Rio pelo Grupo TransRevolução, na época liderado por Giselle Meireles – homenageada durante este ato em reconhecimento pela sua atuação na militância da população de travestis, transexuais e transgêneros – tal iniciativa é uma resposta concreta a uma demanda antiga do movimento social e atende a uma das metas do Plano Nacional de Saúde LGBT. A resolução, que deverá ser regulamentada em até 90 dias, garante através da instituição desse programa que travestis, transexuais e transgêneros exerçam seu direito à saúde de forma ampla. Espera-se, além de possibilitar que este segmento populacional tenha acesso seguro a procedimentos de modificação corporal do sexo, que também sejam prevenidos danos à saúde, pelo uso de hormônio sem orientação médica ou uso de silicone líquido, e em função das dificuldades enfrentadas por este grupo para acessar cotidianamente os serviços de saúde por conta do preconceito e a discriminação.⁵⁷

Em Portaria assinada em 21 de agosto de 2013, foi criado o Comitê Carioca de Cidadania LGBT. Um comitê para debater as questões relativas aos cidadãos e cidadãs lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais do município do Rio de Janeiro. Um importante local de discussão entre Poder Público e Sociedade Civil. O Comitê é formado por membros da Sociedade Civil, de Organizações Não Governamentais e de representantes de Secretarias e Órgãos da Administração Municipal.⁵⁸

A conscientização sobre a importância da prevenção às DST (doenças sexualmente transmissíveis) é também uma importante área de atuação da CEDS. Em

⁵⁴ Disponível em www.pbh.gov.br/smsa/biblioteca/geepi/cadernosinanwsms.doc

⁵⁵ Retirado de <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2013/06/casos-de-agressao-por-homofobia-ganham-registros-pelo-sus> - Última visualização em 18/06/2016

⁵⁶ Disponível em <http://www.cedsrio.com.br/site/sites/default/files/atenção%20primaria%20segmento%20T.pdf>

⁵⁷ Retirado de <http://www.cedsrio.com.br/site/noticias/2013-07/rede-municipal-de-saude-do-rio-de-janeiro-lanca-programa-de-atencao-as-travestis-e-> - Última visualização em 18/06/2016

⁵⁸ Disponível em <http://www.cedsrio.com.br/site/sites/default/files/pulboicaçãocomite.pdf>

uma bem-sucedida parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, há quatro anos é realizada a Semana Carioca de Prevenção, sempre durante a primeira semana de dezembro (pois no dia 1º de dezembro é celebrado o Dia Mundial de Combate à AIDS). Durante uma semana, todas as unidades de saúde do município realizam testagens para HIV e sífilis. Em cinco anos de campanha, já foram realizados mais de 400 mil testes – sendo anunciada como a maior campanha de testagens de todo o Brasil.⁵⁹

Também como parte do objetivo de trazer visibilidade à esta causa, a Prefeitura do Rio, através da CEDS-Rio, ilumina monumentos da cidade na cor vermelha durante a Semana Carioca da Prevenção, em homenagem ao Dia Mundial de Luta Contra a AIDS. Desde 2011, essa ação faz parte do calendário oficial de iniciativas da ONG (RED), fundada pelo cantor Bono Vox. Em 2015 foram iluminados 14 monumentos em toda a cidade: Cristo Redentor; Arcos da Lapa; Praça Mauá; Catedral Metropolitana; Câmara dos Vereadores; Centro Administrativo São Sebastião; Museu de Arte do Rio [MAR]; Parque Madureira [Arcos Olímpicos]; Parque Olímpico [Arenas]; Ponte Estaiada [Barra da Tijuca]; Estações BRT [Bosque da Barra e Lourenço Jorge]; Palácio da Cidade; Praça Paris e a Vila Olímpica Miécimo da Silva.⁶⁰

Ainda no intuito da conscientização da população sobre a importância da prevenção, desde a sua criação, a CEDS realiza a campanha Rio Carnaval Sem Preconceito. Galhardetes com mensagens contra o preconceito e formas de denunciar tais atos no âmbito municipal são espalhados em pontos estratégicos de passagem dos principais blocos no Rio, como Ipanema, Lapa, Centro e Madureira. E equipes distribuem preservativos e material informativo sobre DSTs ao longo de todos os dias de carnaval.

A CEDS e a SMS foram pioneiras ao distribuir material informativo sobre o PEP (sigla em inglês para Profilaxia Pós-Exposição), definida pelo Ministério da Saúde como

“(…) medida se insere no âmbito da prevenção combinada e consiste na prescrição desses medicamentos em até 72 horas após o contato do paciente com o vírus. O tratamento dura 28 dias e o atendimento é considerado de emergência pelo Ministério da Saúde, conforme prevê o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Antirretroviral Pós-Exposição de Risco à Infecção pelo HIV”.⁶¹

⁵⁹ Disponível em <http://www.cedsrio.com.br/site/noticias/2015-11/campanha-capitaneada-pela-prefeitura-do-rio-marcara-maior-acao-de-prevencao-no-pais>

⁶⁰ Idem

⁶¹ Disponível em <http://www.aids.gov.br/pagina/2012/51276>

Além das parcerias, portarias e decretos assinados, a CEDS-Rio coordena o Programa Rio Sem Preconceito, um *programa de Direitos Civis e Humanos intersecretarial* que compreende uma série de ações, eventos e campanhas em prol da cidadania, não apenas de LGBT, mas de toda e qualquer cidadão ou cidadã que possa vir a se tornar vítima de alguma forma de preconceito.

Dentre uma das principais ações do Programa Rio Sem Preconceito está o CapacitaCEDS, que se trata de uma série de palestras de capacitação de servidores municipais para atendimento humanizado e com respeito aos Direitos Humanos aos cidadãos do Rio de Janeiro.

Segundos dados informados pela CEDS-Rio, na saúde, estas capacitações já foram realizadas com profissionais de saúde de toda a CAP 2.1 [Coordenadoria da Área Programática que compreende os bairros de [Botafogo, Catete, Copacabana, Cosme Velho, Flamengo, Gávea, Glória, Humaitá, Ipanema, Jardim Botânico, Lagoa, Laranjeiras, Leblon, Leme, Rocinha, São Conrado, Urca e Vidigal] e a CAP 3.2 [Coordenadoria da Área Programática que compreende os bairros de Abolição, Água Santa, Cachambi, Del Castilho, Encantado, Engenho da Rainha, Engenho de Dentro, Engenho Novo, Higienópolis, Inhaúma, Jacaré, Jacarezinho, Lins de Vasconcelos, Maria da Graça, Méier, Piedade, Pilares, Riachuelo, Rocha, Sampaio, São Francisco Xavier, Todos os Santos e Tomás Coelho]. Além disso, foram também contemplados os hospitais de emergência da rede municipal (Miguel Couto, Souza Aguiar, Salgado Filho e Lourenço Jorge). E, em parceria com a Subsecretaria de Atenção Primária, Vigilância e Promoção da Saúde - SUBPAV, foi realizado um ciclo de debates que reuniu participantes de todas as categorias profissionais e áreas programáticas. As capacitações também são realizadas periodicamente com os servidores públicos da Guarda Municipal.

Desde o ano de 2013, a CEDS-Rio realiza o Discutindo a Homofobia. A primeira edição ocorreu no Parque Madureira e reuniu representantes do Poder Público, servidores municipais e a população, para informar ao cidadão sobre os seus direitos e também para ouvir as demandas diretamente da população. A proposta é que seja um ciclo de debates para esclarecer dúvidas sobre cidadania, direitos e órgãos a recorrer em caso de homofobia, lesbofobia, bifobia ou transfobia. A partir de 2015, este evento mudou de nome e formato. Passou a ser chamado de Discutindo a LGBTfobia –devido a

novas demandas dos movimentos sociais- e passou a ser realizado em universidades, faculdades e instituições de ensino.

O emprego do termo “LGBTfobia” no lugar da tradicional “homofobia”, tendo em vista que este último reitera e (re) produz uma invisibilização para com as diversas identidades que compõem o amplo espectro identitário LGBT. Um gay (homossexual masculino) não sabe, por exemplo, o que é ter seu nome social desrespeitado constantemente ou sua identidade de gênero questionada diariamente. Esses são problemas e angústias ligados a transfobia e apenas as pessoas travestis, transexuais e transgêneros sabem o que é senti-los e sofrê-los. Como não queremos identificar o Movimento LGBT como Movimento Gay (como alguns/mas ainda fazem hoje em dia), consideramos de bom tom realizar esse acerto terminológico.⁶²

Com intuito de trazer à tona as demandas do segmento T, anualmente é realizado o Seminário de Visibilidade Trans – Dignidade, Inclusão e Respeito. O evento é sempre realizado no dia 29 de janeiro [Dia da Visibilidade Trans]. É também neste Seminário que é realizada a formatura das alunas do Projeto DAMAS.

Desde o seu ano de criação, a CEDS-Rio realiza o bienal Prêmio Rio Sem Preconceito, em que homenageia personalidades que de alguma forma contribuíram na luta contra qualquer forma de discriminação não apenas no município, mas também em todo o país. É também uma forma de trazer visibilidade e legitimar a luta de diversas causas em prol dos Direitos Humanos. Os vencedores são eleitos através de um júri de jornalistas.

Em sua primeira edição, em 2011, foram 12 nomes premiados, como: Lucinha Araújo (Presidente da Sociedade Viva Cazuza), Lea T (modelo e militante transexual), Jean Wyllys (deputado federal assumidamente homossexual), e José Junior (coordenador da ONG AfroReggae).

"Hoje, em todo mundo, a transexual não tem a oportunidade de trabalhar. O único trabalho que ela é forçada a fazer é ser prostituta. Nós temos que ter o direito de fazer uma escolha ao ser prostituta e não sermos obrigadas a isso", LEA T,⁶³

Na edição seguinte, em 2013, entre os 14 homenageados estavam: a cantora Daniela Mercury e sua esposa Malu Verçosa (por sua corajosa saída do armário e por trazer visibilidade para as demandas de mulheres lésbicas no Brasil), Yvone Bezerra de Mello (criadora e diretora do Projeto Uerê, que atende crianças com dificuldades de

⁶² Retirado de <http://justificando.com/2015/03/26/contra-a-lgbtphobia-mas-a-luta-nao-deve-passar-pela-ampliacao-do-sistema-penal/> - Última visualização em 18/06/2016

⁶³ Retirado de <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/premio+rio+sem+preconceito+homenageia+12+personalidades/n1597052682272.html> - Última visualização em 18/06/2016

aprendizagem relacionadas a traumas provocados pela convivência com a violência em comunidades carentes) e Walcyrr Carrasco (autor da novela “Amor a Vida”, em que foi exibido o primeiro beijo de um casal homossexual na Rede Globo):

"Com o protagonista que umas pessoas chamam de bicha má. Se você disser que essa bicha é má todas vão ser assim. Todo mundo me disse que essa novela ia ser um fracasso. Eu quis explorar essa bicha má não por ser engraçado, mas expor esse ódio que ele sentia de si mesmo e isso vinha da homofobia que ele sofria dentro de casa. Homofobia é o cara que diz eu não tenho preconceito, só não quero que meu filho seja gay" Walcyrr Carrasco ⁶⁴

Nesta edição houve duas novidades: além da votação de um júri de jornalistas, os homenageados da edição anterior e os internautas puderam eleger vencedores. Desta forma, Mãe Beata de Iemanjá, recebeu um prêmio por sua luta contra a intolerância religiosa, e Bruna Lorene, foi premiada por sua luta em prol do segmento T:

"A segregação do LGBT se dá pelo preconceito, discriminação e violência. Nós somos tratados sempre como quase. Temos sempre que fazer a mais, que fazer diferente. Eu fui um quase menino. Hoje um dia eu sou uma quase mulher. Eu poderia ter uma união estável, posso quase casar". ⁶⁵

Em setembro de 2015, foi realizada a cerimônia da terceira entrega do Prêmio Rio Sem Preconceito. Entre as doze personalidades que foram homenageadas podemos citar: Maria Júlia Coutinho (jornalista e mulher do tempo do Jornal Nacional que foi vítima de ataques racistas nas redes sociais), Fernanda Honorato (primeira repórter com síndrome de Down no mundo), e Kailane Campos (a menina de 11 anos que foi apedrejada após sair de um centro religioso de umbanda, e que, por sua postura pacífica se tornou um símbolo na luta contra a intolerância religiosa): “*Eu respeito o amém de vocês. Respeitem o meu axé*”. ⁶⁶

Entre os homenageados da noite, também estava uma das maiores ativistas brasileiras em defesa dos Direitos Humanos, Margarida Pressburguer. Ela foi lembrada por sua participação e coordenação em diversas iniciativas em prol da defesa de mulheres, crianças e adolescentes e, por desenvolver um importante trabalho com menores em situação de rua, prostitutas e também com a comunidade LGBT: “*Eu*

⁶⁴Retirado de <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/11/premio-rio-sem-preconceito-da-trofeus-por-luta-contradiscriminacao.html> - Última visualização em 18/06/2016

⁶⁵ Retirado de <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/11/premio-rio-sem-preconceito-da-trofeus-por-luta-contradiscriminacao.html> - Última visualização em 18/06/2016

⁶⁶ Retirado de <http://www.heloisatolipan.com.br/gente/iii-premio-rio-sem-preconceito-em-evento-emocionante-ceds-homenageia-12-personalidades-que-sao-exemplos-de-luta-contradiscriminacao-de-maju-coutinho-a-thammy-miranda/> - Última visualização em 18/06/2016

*defendo a necessidade crucial de se investir em educação. A escola é a grande arena para a disseminação de conceitos como igualdade, direitos humanos e cidadania. Espero que um dia o meu neto me pergunte, o que é preconceito? ”*⁶⁷

Ainda no intuito de trazer visibilidade às campanhas, ações e aos direitos adquiridos pelo cidadão LGBT carioca, foram realizadas duas edições do Show Rio Sem Preconceito, reunindo artistas que participam voluntariamente por identificação à causa proposta.

Em 15 de julho de 2013, o Circo Voador foi palco do show de lançamento da campanha audiovisual Rio Sem Preconceito 2013, estrelada por Fernanda Montenegro, Dira Paes e Cissa Guimarães. Passaram pelo palco grandes nomes da música brasileira, como Caetano Veloso, Ney Matogrosso, Frejat e Fernanda Abreu.

“Todo tipo de cidadania vale a pena. É fundamental essa parceria com os artistas para que a importância da cidadania ganhe visibilidade e a população entenda a importância de seu papel nesta luta. Nós lutamos por cidadania com base nas leis. Esperamos que essa noite seja o ponto de partida para dias melhores”, afirmou Carlos Tufvesson.⁶⁸

Na noite de 01 de julho de 2015, foi realizada a segunda edição do Show Rio Sem Preconceito, para o lançamento da campanha audiovisual “CEDS: A sua voz na luta contra o preconceito”. Com ingressos gratuitos, o Circo Voador lotado teve em seu palco shows de artistas como Martnália, Zélia Duncan, Preta Gil, Roberta Sá, Teresa Cristina e Simone Mazzer. A mestre de cerimônias foi a apresentadora gaúcha Fernanda Lima, que ao longo da noite lembrou ao público a importância de se combater a discriminação. Logo na abertura do evento, foi exibido um minidocumentário com relatos da vítima da LGBTfobia no Brasil.

Dirigidas por Candé Salles, as entrevistas eram com vítimas de preconceito. Rafaela Chacon, sofreu lesbofobia e só não foi surrada porque seus vizinhos intervieram; Maxie Maya, apanhou no metrô da Cinelândia sob xingamentos de desconhecidos; Melissa Freitas foi jogada de um viaduto enquanto se prostituía. A travesti era Rainha do Carnaval Gay do Rio de Janeiro. E Angélica Ivo, perdeu seu filho, Alexandre Ivo, de 14 anos, em 2010. O menino, que saía da infância para adolescência, foi torturado e assassinado por quatro homens que continuam impunes até os dias de hoje. “*Escuto muito dizer que nós inventamos os crimes de ódio como se fosse uma briguinha doméstica. Por isso, é importante que*

⁶⁷ Retirado de <http://www.rj.gov.br/web/seasdh/exibeconteudo?article-id=2574496> - Última visualização em 18/06/2016

⁶⁸ Retirado de <http://www.cedsrio.com.br/site/noticias/2013-05/uma-grande-noite-para-ficar-na-historia> Última visualização em 18/06/2016

todos nós vejamos a cara dos oprimidos. Afinal, nosso país deve desculpas a esses cidadãos e cidadãs” completou Tufvesson.⁶⁹

Após o lançamento no Circo Voador, o Show Rio Sem Preconceito percorreu a zona norte do Rio de Janeiro. Em uma série de três shows em lonas culturais cariocas, a CEDS levou artistas do samba para apresentações gratuitas com o intuito de aproximar suas ações e campanhas dos cidadãos e cidadãs do Rio de Janeiro. Os sambistas Pretinho da Serrinha, Teresa Cristina, Dilsinho e Mosquito visitaram a Arena Fernando Torres, no Parque Madureira, a Lona Cultural João Bosco, no bairro de Vista Alegre e a Arena Dicro, na Penha.

A CEDS possui também um histórico de campanhas audiovisuais com participações voluntárias de importantes personalidades brasileiras. Dentre os nomes que já estrelaram anúncios da Coordenadoria estão: Fernanda Montenegro, Glória Pires, Elza Soares, Mateus Solano, Paolla Oliveira, Bruno Gagliasso, Edson Celulari, Alexandre Borges, Stenio Garcia, Marcos Pasquim, Betty Lago, Antonio Pitanga, Dira Paes, Cissa Guimarães, Anitta e até mesmo Valesca Popozuda. Com nomes globais e populares, as campanhas da CEDS já alcançaram cerca de 10 milhões de visualizações na internet. Um grande feito para um órgão de direitos humanos do Poder Público, que conta em sua estrutura com apenas dez funcionários.

Por isto, no próximo capítulo, será feita uma discussão sobre a importância da criação de campanhas que defendam a diversidade sexual, levantando as campanhas já realizadas pela Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual e aprofundando quais foram as referências, fontes e as estratégias de comunicação para que campanhas sobre políticas públicas LGBT alcancem grande visibilidade.

⁶⁹ Retirado de <http://www.cedsrio.com.br/site/noticias/2015-07/artistas-e-populacao-unem-vozes-contra-a-homofobia-em-noite-historica-no-circo-voad>
Última visualização em 18/06/2016

Capítulo 2 – O Setor de Comunicação da Prefeitura do Rio de Janeiro no que tange à questão da Diversidade Sexual

2.1. Os desafios do setor público de comunicação na Contemporaneidade

Nesta seção analisaremos a importância de, na sociedade contemporânea, o Poder Público desenvolver campanhas de comunicação para informar, conscientizar e promover a pacífica convivência entre pontos de vista antagônicos presentes dentro de sua população. Por esta razão, primeiramente, é necessário salientar a importância da comunicação entre o Poder Público e o cidadão.

Para Ana Lúcia Novelli, a comunicação pública pode ser *compreendida como o processo de comunicação que ocorre entre as instituições públicas e a sociedade* e tem como objetivo *promover a troca ou o compartilhamento de informações de interesse público*.⁷⁰ Desta forma, ela aponta que é preciso *fortalecer as relações com os cidadãos e estimular a sua participação para aumentar a confiança pública no governo, melhorar a qualidade da democracia e a capacidade cívica da população*.⁷¹ Já Seiichii Kondo elucida que “*o engajamento ativo dos cidadãos pode assegurar que as políticas públicas sejam apoiadas ou pelo menos compreendidas pelo público de modo a contribuir para a sua efetiva implementação*.”⁷²

Portanto, é necessário que haja uma definição muito clara acerca do público-alvo ao qual a comunicação de determinado projeto ou política pública se destina.

Mesmo que, em termos gerais, o público da comunicação praticada por órgãos públicos seja toda a sociedade, é importante que cada projeto defina claramente com quem quer estabelecer maior relacionamento, pois é esse o grupo que passará a ser o foco principal do processo de comunicação a ser deflagrado.⁷³

Neste contexto, a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual toma uma escolha diferenciada no público alvo de suas campanhas. Apesar de ser uma Coordenadoria voltada para a promoção de cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, a CEDS-Rio tenta expandir a sua comunicação para cidadãos e

⁷⁰ NOVELLI, Ana Lúcia “O papel institucional da Comunicação Pública para o sucesso da governança. “ *Revista Organicom*, Edição de 1º semestre de 2016, p.85 disponível em <http://www.revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/viewFile/56/190>

⁷¹ Idem

⁷² KONDO, S. *Transparência e Responsabilização no Setor Público* 2002, p. 15

⁷³ NOVELLI, Ana Lúcia, *Ops Cit* p. 87

cidadãos heterossexuais e cisgêneros. Conforme defende o coordenador de comunicação do órgão, João Felipe Toledo:

Nosso foco é em todo e qualquer cidadão ou cidadã. Jovens ou adultos e até mesmo crianças e idosos. Temos duas linhas a serem seguidas em nossas campanhas: a luta contra o preconceito e a conscientização em relação à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Acreditamos que essas mensagens precisam ser difundidas entre todos e todas, independente da faixa etária. Claro que em nossas campanhas contra a discriminação, miramos em pessoas que têm preconceito ou dificuldade de entender que este comportamento é prejudicial não só a ele. Atinge o outro e toda a sociedade. Nas campanhas de prevenção, nosso foco é nos jovens (parcela que mais cresce quando o assunto é a infecção de DSTs no Brasil) e em todas as pessoas sexualmente ativas. 74

O argumento é de que em uma sociedade heteronormativa e cisnormativa, a comunicação de um órgão público voltado para os direitos LGBT, deve ter por objetivo sensibilizar a sociedade como um todo sobre os males da LGBTfobia. Dentro desta estratégia, podemos notar que as principais personalidades que participaram das campanhas audiovisuais da CEDS-Rio são declaradamente heterossexuais e cisgêneros. Pois, parte-se do pressuposto, que permeia todas as campanhas desta Coordenadoria, de que *“você não precisa ser gay para lutar contra a homofobia”*.

A analogia a outras formas de preconceito e discriminação é uma estratégia comunicativa de sensibilização. O conceito é de que, fazendo alusão ao racismo e ao machismo, por exemplo, abre uma maior possibilidade de sensibilizar pessoas que sofrem estas formas de discriminação para o fato de que qualquer preconceito é prejudicial para a sociedade como um todo. Conforme o coordenador Carlos Tufvesson explica: *“O entendimento da homofobia se dá através do entendimento de todo e qualquer outro tipo de preconceito que qualquer outro cidadão tenha já sofrido”*.⁷⁵

Dentro desta linha, desde a campanha “CEDS: A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito”, lançada em julho de 2015, a coordenadoria vem também utilizando outra frase-conceito em sua comunicação: *“Se um de nós não tem direitos civis, então nenhum de nós tem direitos civis”*. A intenção comunicativa é explicitar que quando direitos de uma parcela da sociedade são desrespeitados, toda esta sociedade está sendo desrespeitada.

Esta estratégia vai de encontro à análise sobre os desafios da comunicação no século XXI, segundo o sociólogo Dominique Wolton:

⁷⁴ Entrevista de João Felipe Toledo concedida a mim, disponível na íntegra em anexo deste trabalho

⁷⁵ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=vU4xQVhl8QQ>

O século XIX caracterizou-se pela revolução da informação e conquista das liberdades essenciais. O século XX foi marcado pela vitória da informação e da tecnologia, graças ao fenômeno da comunicação ao alcance de todos. O século XXI será da convivência no sentido da geração de condições para a coabitação possível entre pontos de vista diferentes, num mundo cada vez menor onde os indivíduos sabem tudo e do qual não se pode escapar.⁷⁶

Em um contexto que envolve questões hierárquica e historicamente enraizadas que geram conflitos sociais contemporâneos, eclodidos na forma de preconceitos, este desafio se torna ainda maior. Como aponta Wolton, o grande desafio é:

Perpetuar num mundo saturado de informação, de comunicação e de tecnologia, o valor da emancipação, que sempre as regeu desde o século XVI. É preciso impedir que a informação e a comunicação, até ontem fatores de aproximação, tornem-se aceleradores da incompreensão e de ódio, justamente por serem visíveis toda a diferença e toda a alteridade.⁷⁷

Wolton levanta que há uma resistência e uma rejeição dos receptores à informações que sejam ‘incomodas’ ou que contradigam as suas visões de mundo. Desta forma, a comunicação de uma mensagem de defesa dos direitos de uma minoria, marginalizada e vítima de preconceito, é um desafio, já que, sofrerá forte resistência daqueles a quem esta mensagem deve ser destinada.

A revolução do século XXI não é a da informação, mas a da comunicação. Não é a da mensagem, mas a da relação. Não é a da produção e da distribuição da informação por meio de tecnologias sofisticadas, mas a das condições de sua aceitação ou de sua recusa pelos milhões de receptores, todos sempre diferentes e raramente em sintonia com os emissores. [...] Sonhava-se com a aldeia global. Estamos na Torre de Babel. [...] Os receptores, ou seja, os indivíduos e os povos, resistem às informações que os incomodam e querem mostrar os seus modos de ver o mundo. A Incomunicação tornou-se o horizonte da comunicação obrigando a negociações constantes para que se possa conviver.⁷⁸

Portanto, nos conflitos ideológicos do século XXI, a informação e a comunicação se tornarão fatores de “guerra” e “paz”. Por um lado, a busca pela difícil convivência de pontos de vista opostos, com suas vozes respeitadas dentro de uma diversidade de ideias em um campo de comunicação comum. Por outro lado, há o risco de uma maior individualização em que todos “*se fecharão em guetos e comunitarismos e em identidades mais ou menos belicosas*”.

Como conviver pacificamente em um universo onde todo mundo vê tudo e sabe tudo e onde as diferenças são mais visíveis e menos

⁷⁶ WOLTON, DOMINIQUE. *Informar não é comunicar*. Editora Meridional. 2010 p.13

⁷⁷ WOLTON, DOMINIQUE. *Ops* Cit p. 14

⁷⁸ Idem, p. 15

negociáveis? Disso resulta a necessidade de passar da ideia de compartilhamento à de negociação e coabitação, tornando ainda mais evidente o vínculo entre comunicação e democracia. O que é realmente democracia senão a negociação e a convivência pacífica de pontos de vista frequentemente antagônicos? É por isso que o conceito de comunicação só podia se impor como grande conceito humanista e democrático depois de todas as revoluções voltadas para a consagração da liberdade e da igualdade dos indivíduos.⁷⁹

Torna-se então necessário levantar a discussão sobre a “sociedade individualista de massa”, em que cada indivíduo simultaneamente busca por dois valores contraditórios: A liberdade individual e a igualdade entre todos.

O que liga uns aos outros nas sociedades abertas em que todas as diferenças são toleradas ou reivindicadas e afirmadas? Como conciliar liberdade e igualdade, individualismo e identidade coletiva? A comunicação é um problema de convivência e de laço social, característica de uma sociedade de movimento, de interatividade, de velocidade, de liberdade e de igualdade. É preciso renovar as condições teóricas e práticas desse laço social, tão frágil nas sociedades abertas, expostas aos grandes ventos de uma globalização sem bússola

[..] A valorização do conceito de convivência ajuda a renovar a reflexão sobre a natureza do laço social nas sociedades contemporâneas, nas quais as interações entre os protagonistas são mais numerosas e contraditórias. Privilegiar o entendimento na comunicação e no funcionamento do espaço público significa, portanto, refletir também sobre a necessidade de administrar, ao mesmo tempo, as diferenças inerentes às nossas sociedades e a manutenção de um princípio de unidade, tendo em perspectiva a renovação dos aspectos contemporâneos do laço social.⁸⁰

Trazendo especificamente para o contexto brasileiro, Novelli aponta que a partir da promulgação da Constituição de 1988 e a consequente reforma do Estado, a comunicação pública (*ou aquela praticada por órgão pertencente à administração pública*) assumiu uma “*importância significativa para o exercício da participação política e da cidadania*”. Portanto:

“Cabe à comunicação pública, nesse contexto, extrapolar a esfera da divulgação de informações do governo e da assessoria de imprensa como mecanismo de autopromoção dos governantes e de suas ações para colocar-se como instrumento facilitador do relacionamento entre cidadão e Estado”.⁸¹

Novelli traz para a discussão os conceitos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que em suas reflexões para compreender a sociedade contemporânea, desenvolveu a ideia de modernidade líquida, que consiste em:

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a

⁷⁹ Idem, p. 22

⁸⁰ Idem, p. 25

⁸¹ NOVELLI, Ana Lúcia, Ops Cit p.77

dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no caminho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro⁸²

Segundo Bauman, a nossa condição contemporânea é fluida e leve, como qualquer elemento em seu estado líquido. Ao sofrer alguma forma de pressão, os líquidos têm a capacidade de mudar de forma, adaptando-se constantemente ao meio. Novelli aponta que *“a metáfora de Bauman é bastante interessante, na medida em que se vivencia o rompimento e a substituição de antigos códigos, padrões e regras”*.

⁸³Trazendo para o campo da comunicação, uma das consequências deste atual cenário, pode ser:

Hoje as mensagens são incontáveis, as tecnologias, quase perfeitas, e os receptores sempre mais numerosos, heterogêneos e reticentes. Isso não decore apenas da diversidade de línguas, mas também das representações, culturas, e visões de mundo que se entrecrocaram. A aceleração da produção e da transmissão de um número crescente de informações não é mais suficiente para criar um aumento na comunicação. Os mal-entendidos e os conflitos estão até mesmo aumentando. É a primeira vez na história que se produz tal descolamento. É por causa disso que a informação e a comunicação passam a ser um dos nós da paz e da guerra no século XXI.⁸⁴

A partir destes desafios acima citados, irei agora levantar as campanhas audiovisuais desenvolvidas pela Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual no intuito de promover a plena cidadania de um grupo identitário marginalizado, conscientizar acerca dos malefícios causados pelo preconceito e sensibilizar indivíduos de pensamentos antagônicos. Ou seja, elucidar como o Poder Público do município do Rio de Janeiro lida com este desafio de comunicação no âmbito da Diversidade Sexual.

2.2 As Campanhas Audiovisuais da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual do Rio de Janeiro [CEDS-Rio]

Em cinco anos de existência, a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual lançou sete campanhas audiovisuais para se comunicar com o cidadão carioca. O que demonstra a preocupação do órgão em construir uma estratégia sólida de comunicação. *“O exercício da cidadania parte pelo conhecimento de seus direitos civis já adquiridos,*

⁸² BAUMAN, ZYGMUNT. *Modernidade Líquida*. Editora Zahar, 2001, p. 12.

⁸³ NOVELLI, Ana Lúcia, Ops Cit

⁸⁴ WOLTON, DOMINIQUE. Ops Cit p. 16

até porque um direito conquistado e não exercido torna-se nulo”⁸⁵, justifica o coordenador Carlos Tufvesson.

Apenas algumas semanas após a sua criação, em fevereiro de 2011, a CEDS-Rio lançou a primeira campanha Rio: Carnaval Sem Preconceito. O vídeo consistia no depoimento de personalidades e anônimos de diversas áreas de atuação deixando a sua mensagem contra toda e qualquer forma de discriminação. A produção era bem simples e quase que amadora: em um fundo branco preenchido apenas com uma pequena logo da campanha, os “personagens” olhavam diretamente para a câmera e davam a sua definição, em poucas palavras, sobre como este mal não combina com o Rio de Janeiro ou com o Carnaval.

Como se tornaria regra nas campanhas da CEDS-Rio, todas as pessoas que participaram do vídeo, o fizeram de forma voluntária. Incluindo diversas celebridades como a cantora Elza Soares, o ator Edson Celulari, o cantor Toni Garrido, a dançarina Deborah Colker, o autor Ricardo Linhares e a jogadora de vôlei Jackie Silva. Além da veiculação na Rede Globo, a campanha também se estendia pelas ruas do carnaval carioca. Segundo o site da CEDS-Rio *“pela primeira vez em uma cidade foi desenvolvido um programa de orientação aos cariocas e turistas contra os mais diversos tipos de preconceito (religioso, racial, de gênero, por orientação sexual, etc.), as formas de denunciá-los e os direitos do cidadão”*.⁸⁶

Em uma ação nas ruas, agentes públicos distribuíam materiais informativos de direitos civis e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis nos principais blocos da cidade.⁸⁷

Além disso, foi instalado um contêiner na Praça General Osório em Ipanema, em que assistentes sociais e pedagogos

(...)prestavam o atendimento pessoal do poder público para a população nos quatro dias de folia. Foram dezenas de atendimentos, tendo o projeto cumprido a meta que visava condensar as leis protetivas, em vigor, e viabilizar o atendimento e tirar dúvidas dos foliões sobre seus direitos, direcionando cada qual ao órgão competente, se pertinente.⁸⁸

O reality show *Big Brother Brasil* também aderiu à campanha, e os participantes da décima primeira edição do programa receberam e vestiram camisas com mensagens

⁸⁵Retirado de <http://goo.gl/IR0lAo> - Última visualização em 18/06/2016

⁸⁶ Informações podem ser conferidas em <http://www.cedsrio.com.br/site/campanhas/rio-carnaval-sem-preconceito>

⁸⁷ Idem

⁸⁸ Idem

contra o preconceito. As camisas foram entregues pelo próprio coordenador especial da diversidade sexual, Carlos Tufvesson, que visitou a casa em que os concorrentes ao prêmio estavam confinados. Lá, falou sobre a importância do combate a todas as formas de discriminação.

No ano seguinte, a CEDS-Rio manteve o título de Rio: Carnaval Sem Preconceito para as suas ações direcionadas para os dias de folia. Na data de 14 de fevereiro de 2012, em uma cerimônia realizada no Palácio da Cidade, foi apresentado um samba-enredo, composto pelos sambistas Arlindo Cruz e Luana Carvalho (filha de Beth Carvalho) especialmente para a campanha.

*É verão, a cidade está em festa
É o reinado da alegria
Traga as suas fantasias
Mande embora o desamor*

*De pé no chão não existe diferença
Nem de cor e nem de crença
Vale tudo em nome do amor
Samba é tradição no meu rio de janeiro
Um redentor pra abraçar o mundo inteiro*

*Vem ser mais um
Um ser de paz na multidão
Deixar falar seu coração
Ser carioca no prazer de sonhar*

*Folião, ter liberdade é não ter medo
Sacode a poeira e bate no peito
O rio é carnaval sem preconceito*

*Tolerância zero com a discriminação
Você quer, eu quero
Mais respeito e inclusão
Felicidade é o nosso direito
Vamos lá meu rio, carnaval sem preconceito*

*Arlindo Cruz e Luana Carvalho*⁸⁹

Para este samba-enredo, foi produzido um videoclipe com a participação de baluartes das escolas de samba como Noca da Portela, Delegado, Tia Suluca, Lucinha Nobre e Rogério Dorneles (porta-bandeira e mestre-sala da Portela); musas de diversas agremiações como Juliana Alves, Quitéria Chagas, Flávia Piana, Milena Nogueira e Ana Paula Evangelista; as atrizes Suzana Pires, Antônia Fontenelle, Cinara Leal e Michelle Martins; as cantoras Beth Carvalho, Angela Ro Ro e Teresa Cristina,

⁸⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yz-vxW03ZyQ>

entre outras participações como a repórter especial Fernanda Honorato e Lucinha Araújo".⁹⁰

O videoclipe da campanha foi gravado na praia do Arpoador, zona sul do Rio de Janeiro, e mostra uma tradicional roda de samba com os grandes nomes do carnaval carioca citados anteriormente. O objetivo é transmitir a ideia de união entre as diferenças – como as das principais agremiações carnavalescas reunidas na mesma roda de samba – e celebrar a liberdade de todos curtirem o carnaval – sem preconceito. Como explica o diretor do vídeo:

A gente pensou no carnaval do Rio de Janeiro e ao mesmo tempo uma coisa mais intimista, com o Arlindinho [intérprete do samba], a Luana Carvalho e todos os artistas em volta. Então a gente tentou mesclar algo com o cenário do Rio de Janeiro, que é uma vista bem bonita e plástica, com essa coisa do samba e da esquina. E acabaram aparecendo tantos artistas e tanta gente em prol da causa que se criou uma verdadeira festa.⁹¹

Além de um videoclipe de 2 minutos, foi produzido uma versão de 30 segundos para exibição em televisão e outros meios. Assim como no ano anterior, a campanha se estendeu pelas ruas da cidade. Segundo o site da CEDS-Rio:

A campanha, um sucesso no carnaval 2011, retorna de cara nova e com o propósito de orientar cariocas e turistas contra os mais diversos tipos de preconceito (religioso, racial, de gênero, por orientação sexual, etc.), as formas de denunciá-los e os direitos do cidadão. Os folhetos explicativos, além das informações sobre saúde, trazem também dicas de segurança, turismo e dos direitos garantidos ao homossexual através da Lei n. 2475/1996. O material será distribuído por todo o Rio durante os dias de folia em blocos, praias, bailes de carnaval, e grandes festas off-carnaval que acontecerão simultaneamente à folia.⁹²

No ano de 2013, pela primeira vez a CEDS-Rio dissociou a sua campanha audiovisual do Carnaval. Lançada em um show gratuito no Circo Voador, que contou com as ilustres presenças de grandes nomes da música brasileira, como Caetano Veloso e Ney Matogrosso, a campanha Rio Sem Preconceito 2013, foi estrelada por Dira Paes, Cissa Guimarães e a dama da dramaturgia brasileira, indicada ao Oscar, Fernanda Montenegro. *“É fundamental essa parceria com as artes para que a nossa população entenda a importância de seu papel na luta contra todo e qualquer tipo de preconceito”*, explica Carlos Tufvesson.

⁹⁰Disponível em <http://www.cedsrio.com.br/site/prefeitura-lanca-campanha-rio-carnaval-sem-preconceito-2012>

⁹¹ VIDEO MAKING OF - ANEXAR

⁹² Disponível em <http://www.cedsrio.com.br/site/prefeitura-lanca-campanha-rio-carnaval-sem-preconceito-2012>

O conceito da campanha partiu de um pressuposto que passaria a seguir as próximas campanhas e políticas públicas da coordenadoria: *“Se eu não preciso ser negro para lutar contra o racismo, se eu não preciso ser mulher para lutar contra o machismo, eu não preciso ser gay para lutar contra a homofobia”*. Por isto, foi proposital a escolha da data para o lançamento da campanha ser o dia 15 de maio: o dia 13 de maio é marcado pela abolição da escravidão no Brasil, se tornando uma importante data para o movimento negro brasileiro; e no dia 17 de maio é celebrado o Dia Internacional Contra a Homofobia, pois foi nesta data que a homossexualidade deixou de ser considerada uma patologia pela Organização Mundial de Saúde – OMS.⁹³

Foram lançados três vídeos de trinta segundos (um estrelado por Fernanda Montenegro, um por Dira Paes e outro por Cissa Guimarães). Em preto e branco, cada um dos vídeos mostra pessoas de diversos grupos étnicos, faixas etárias, orientações sexuais e demais rótulos e estereótipos, proferindo frases preconceituosas contra um grupo diferente ou diverso ao seu. Como por exemplo: “Isso é coisa de favelado”, “Isso é coisa de traveco” ou “Isso é coisa de boiola”.

O vídeo ganha cores, e o Morro dos Dois Irmãos se revelam, quando uma das consagradas atrizes surgem em tela com a seguinte mensagem: *“O preconceito é uma luta de todos nós porque ninguém escapa. Um dia ele chega até você. Uma cidade tão linda como o Rio de Janeiro não combina com o preconceito”*.

“A ideia partiu de um roteiro que foi desenvolvido pelo pessoal da CEDS-Rio, muito interessante, em que cada um falava uma frase ‘isso é coisa de...’. E eu tive a ideia de botar o fundo branco e fazer o movimento de câmera que a gente que revelasse que na verdade estávamos no Rio”.⁹⁴
(Gabriel Mellin, Diretor)

Curiosamente, dois anos após participar da campanha, *“o preconceito chegou”* até Fernanda Montenegro, assim como é dito na mensagem final do vídeo. Ao interpretar a personagem homossexual Teresa, que vivia um par romântico com Estela (interpretada por Nathália Timberg), na novela Babilônia, de Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga, a mais consagrada atriz brasileira recebeu uma série de ataques homofóbicos, e a trama sofreu forte rejeição do público.

⁹³ Todos as informações referentes a campanha de 2013 estão disponíveis em <http://www.cedsrio.com.br/site/eventos/show-de-lancamento-da-campanha-rio-sem-preconceito-2013> -

⁹⁴ Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9dWY7G878Og> – Última visualização em 18/06/2016

"O beijo que está dando essa confusão toda é um beijo casto, amoroso, sem desafio erótico ou didática. É uma demonstração de carinho. Por isso, digo que não tenho capacidade de analisar esse momento. Percebo que temos problemas muito mais graves. O país está enfrentando uma crise bastante vívida e sentida, e tem gente disposta a se voltar contra o beijo de duas atrizes de quase cem anos de idade dado dentro de uma relação sacramentada pela vida afora. Mas a Globo não me colocou ali, não fui obrigada a ser a Teresa. Não sou uma escrava de ninguém. Estou fazendo o papel com todo meu empenho, adesão e entendimento humano da causa, que é a da pessoa que quer viver sua natureza sem disfarce. Essas personagens são um esclarecimento aos mais bloqueados de razão. É claro que aceitei o papel por isso. Graças a Deus eu posso ir de Nossa Senhora à Teresa."

(FERNANDA MONTENEGRO)⁹⁵

Em 2014, a CEDS-Rio voltou a atrelar a sua campanha audiovisual com o carnaval, porém por um outro viés. O foco não foi mais apenas sobre o preconceito, mas sim sobre a prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, com ênfase nos jovens de 13 a 19 anos, faixa etária que tem registrado o maior crescimento de contágio pelo HIV, de acordo com os dados do Boletim Epidemiológico DST/Aids, do Ministério da Saúde.

Para se comunicar com este público, a CEDS-Rio convidou a *funkeira* Valesca Popozuda – uma inusitada escolha para um órgão do Poder Público. Entretanto, além de a sua música Beijinho no Ombro ser considerada uma das músicas daquele verão, a artista se comunicava diretamente com o público da faixa etária com maior registro de novas infecções pelo vírus HIV. Assim, nasceu a campanha “Beijinho no Ombro e Camisinha no Bolso”.

Prevenção é um ato de amor. Como tenho uma comunicação muito grande com os meus popofãs, participar dessa campanha como madrinha é uma honra. A mensagem de prevenção é muito direta, ou seja, vamos dar o beijinho no ombro sem esquecer de levar a camisinha no bolso. Tenho um filho de 14 anos e converso com ele sobre sexo. Acredito que o conselho começa dentro de casa.

Valesca Popozuda⁹⁶

Participam do vídeo uma série de voluntários, representantes de diversos grupos sociais: como um pai com seus filhos, um casal heterossexual, mulheres jovens e também da terceira idade, gays, transexuais, travestis, lésbicas e bissexuais. A intenção é mostrar que *não existe grupo de risco, mas sim comportamento de risco; e que toda pessoa sexualmente ativa deve usar camisinha em todas as relações sexuais e fazer o teste para o HIV*. Ao final, a madrinha da campanha, Valesca Popozuda encerra com a mensagem: “Neste carnaval é beijinho no ombro e camisinha no bolso”.

⁹⁵ Retirado de http://www.brasilpost.com.br/2015/03/26/fernanda-montenegro-babilonia_n_6951982.html
- Última visualização em 18/06/2016

⁹⁶ Campanha disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=4618436>

A escolha do mote dessa campanha é exatamente para falar com essa galera que representa o crescimento do índice de contágio. Esse jovem, que hoje curte Cazuza, por exemplo, não viu a fase braba da Aids. Não viu o cantor com a pele moreninha por causa do AZT, porque naquela época não havia a tríplice terapia, ou seja, a sobrecarga de AZT pigmentava a pele. Essa galera não tem a noção sobre os problemas causados pelo coquetel. Se houve avanço científico por um lado, houve relaxamento por outro, que é típico do ser humano. Então, a gente está lembrando que a camisinha é o único método cientificamente comprovado de prevenir a Aids e as outras DSTs —⁹⁷ enalteceu Tufvesson.

Paralelamente foi lançado o vídeo “Beijinho no Ombro e Rala Preconceito”, para não deixar de abordar a bandeira principal da CEDS-Rio, que é o de combate à discriminação. Os dois vídeos da campanha seguem a linha visual das anteriores da Coordenadoria. Sob um fundo branco, os “personagens” olham diretamente para a câmera, ratificando a mensagem-conceito. A trilha com o funk de Valesca Popozuda e as camisas coloridas com o slogan “Beijinho no ombro e camisinha no bolso”, diferenciam um pouco este vídeo dos vídeos anteriores. Além de dar um tom mais leve e alegre à campanha, aproximando-a da linguagem do carnaval. Esta campanha se tornou o maior sucesso viral da CEDS-Rio até então, ultrapassando 250 mil visualizações no Youtube.

No carnaval de 2015, a tradicional campanha Rio: Carnaval Sem Preconceito voltou novamente o seu foco para a prevenção de DST/AIDS e foi intitulada “A AIDS Não Tem Cara e Não Tem Cura”. Em comunicado oficial divulgado à imprensa, a CEDS-Rio justificou esta escolha:

Segundo dados do boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, há dez anos os jovens de 13 a 19 anos são o segmento populacional mais infectado pelo vírus HIV.

Estes jovens estão iniciando as suas vidas sexuais em uma época em que novos tratamentos aumentaram a qualidade de vida das pessoas que vivem com HIV/AIDS. E esta nova realidade parece ter gerado uma interpretação equivocada sobre a gravidade da AIDS. Entre 2001 e 2014, foram notificados 13.965 casos na cidade do Rio de Janeiro. A maior taxa de incidência encontra-se entre pessoas com idades de 20 a 40 anos, sendo maior entre o público masculino. Outra questão é que ainda é muito forte o estereótipo de “grupos de risco”: a ideia de que o HIV infecta apenas homossexuais e usuários de drogas injetáveis. Este conceito equivocado colaborou para que na última década, por exemplo, para um fenômeno chamado de feminização da AIDS.

Dentro deste contexto, a Secretaria Municipal de Saúde, em parceria com a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual, lança a campanha “A AIDS NÃO TEM CARA E NÃO TEM CURA – USE

⁹⁷Retirado de <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=4618436> – última visualização em 18/06/2016

CAMISINHA”. O objetivo é desmistificar a ideia da existência de um perfil ou aparência que defina quem é soropositivo e quem não é.

"Queremos conscientizar a população de que, na verdade, toda pessoa sexualmente ativa está sujeita a infecção pelo HIV ou outra DST em caso de sexo desprotegido. Basta uma vez! A prevenção é uma responsabilidade de cada um de nós", afirma o presidente da Comissão DST/AIDS do Conselho Municipal de Saúde e coordenador especial da Diversidade Sexual, Carlos Tufvesson.⁹⁸

No vídeo da campanha, cidadãos de diversas etnias, gêneros, orientações sexuais, identidades de gênero e sorologias (soropositivos e soronegativos) se autodeclararam como indivíduos extremamente opostos, para em seguida, seus rostos se transformarem no de outra pessoa. A principal fonte de inspiração foi o clássico videoclipe *Black And White* de Michael Jackson.

A madrinha da campanha é Lucinha Araújo, presidente da Sociedade Viva Cazuza. No ano de lançamento do vídeo, completavam-se 25 anos da morte de Cazuza, em decorrência de complicações devido à AIDS.

Além da divulgação do vídeo da campanha, como nos anos anteriores, foi realizada uma grande ação de conscientização nas ruas. Foram distribuídos aproximadamente 1,3 milhão de preservativos, nos principais blocos, festas, praias e no desfile das escolas de samba na Marques de Sapucaí.

Como novidade, neste ano foram lançadas as camisas da campanha Rio Sem Preconceito, que se tornariam uma grande marca da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual. São camisas inspiradas no mote da campanha de 2013, e que em diferentes cores, estampam as seguintes mensagens:

- Você não precisa ser gay para lutar contra a homofobia
- Você não precisa ser lésbica para lutar contra a lesbofobia
- Você não precisa ser trans para lutar contra a transfobia
- Você não precisa ser mulher para lutar contra o machismo
- Você não precisa ser negro para lutar contra o racismo⁹⁹

⁹⁸ Retirado de <http://www.cedsrio.com.br/site/noticias/2015-02/a-aids-nao-tem-cara-e-nao-tem-cura> última visualização em 18/06/2016

⁹⁹ Campanha disponível em <http://www.cedsrio.com.br/site/noticias/2015-02/a-aids-nao-tem-cara-e-nao-tem-cura>

Devido à resposta positiva da população, a distribuição das camisas ultrapassou o Carnaval, e elas passaram a ser sorteadas nas redes sociais e nos eventos organizados pela Coordenadoria. A partir de então, novas linhas com diferentes cores passaram a ser lançadas a cada Parada do Orgulho LGBT de Copacabana e no Carnaval.

Exemplares destas camisas passaram a sistematicamente ser enviados a personalidades, profissionais de mídia, jornalistas e formadores de opinião. No intuito de, através da mídia espontânea, trazer visibilidade não só as campanhas da CEDS, mas também à mensagem. Pois termos como a “*transfobia*” ainda são desconhecidos por grande parte da população. Segundo dados informados pelo site da CEDS-Rio, o objetivo:

Produzimos camisas para distribuir entre a população e personalidades engajadas nessa luta com dizeres contra a discriminação e que chamam toda a população de bem para que esse mal, quem sabe um dia, acabe.

Acreditamos que com bons exemplos do nosso país propagando essa mensagem, consigamos atingir grande parte da população e levantar a discussão de como vamos acabar com o preconceito. Sabemos que é com educação e respeito. Mas também com informação.¹⁰⁰

Entre os artistas que espontaneamente postaram fotografias em suas redes sociais com as camisas da campanha Rio Sem Preconceito e mensagens de tolerância, podemos citar: Xuxa, Glória Pires, Cléo Pires, Anitta, Paolla Oliveira, Mateus Solano, Marjorie Estiano, Paulo Gustavo, Fabio Assunção, Preta Gil, Cissa Guimarães, Ingrid Guimarães, Jinkx Monsoon, Thiago Martins, Frejat, Bruno Mazzeo, Viviane Pasmanter, Domingos Montagner, Lavínia Vlasak, Roberta Sá, Emanuelle Araújo, Daniela Mercury, Ellen Oléria e Leda Nagle.

Em janeiro deste ano, a atriz e cantora Marjorie Estiano, que estava no ar na minissérie Ligações Perigosas, da Rede Globo, postou em suas redes sociais uma fotografia vestindo a camisa com a mensagem “você não precisa ser trans para lutar contra a transfobia”. A postagem teve uma repercussão bastante positiva, alcançando aproximadamente 100 mil interações em suas redes sociais, gerando mídia espontânea para a campanha. Na legenda de sua publicação, Marjorie escreveu:

“Tem que comer! Tem que dançar! Tem que sorrir! Tem que ser magra? Tem que ter cabelo liso! Tem que ter pele branca! Tem que casar? Casou, tem que ter filho? Tem que amar alguém do sexo oposto? Família tem que ser composta por um homem e uma mulher!

¹⁰⁰ http://cedsrio.com.br/rio-sem-preconceito_fotos.php

Tem que ser rico! Tem que gostar de Rock! Tem que ser católico!
 Tem que acreditar em Deus? Tem que ser trans pra lutar contra a
 transfobia? Tem que dar exemplo do correto? Qual é o correto
 mesmo? São tantas obrigações...que exaustão. De todas, a que eu tomo
 primordialmente como minha e que ainda assim, por vezes, me traio é
 a obrigação de ser livre!"Ao invés de ensinar piano às meninas, pilotar
 carros aos meninos, os pais deveriam prescrever a liberdade como o
 elemento de obediência e regra de conduta. Ah, e jamais perdoar às
 faltas às aulas de física!"
 #ligacoesperigosas #riosempreconceito
 #olivrodosmonstrosguardados” (MARJORIE ESTIANO)¹⁰¹

Também em janeiro deste ano, o ator e comediante Bruno Mazzeo recebeu uma reação diferente de seus seguidores ao postar uma fotografia com a camisa “você não precisa ser gay para lutar contra a homofobia” e legendar com a seguinte frase: “se um de nós não possui direitos civis, então nenhum de nós possui direitos civis”. Cerca de 55 mil pessoas interagiram com a publicação em suas redes sociais. Entretanto, apesar de agradar uma parcela de seus fãs, Bruno recebeu uma série de ataques homofóbicos em suas fan pages¹⁰²

Em fevereiro foi realizada uma ação em parceria com o elenco e os autores da novela Totalmente Demais, da Rede Globo, exibida no horário das 19 horas. No capítulo exibido no dia 20 de fevereiro, o personagem homossexual Max, interpretado pelo ator Pablo Sanábio, sofreu um ataque homofóbico na trama. Simultaneamente à exibição do capítulo, o elenco da novela publicou, em suas redes sociais pessoais, fotos vestindo camisas da campanha Rio Sem Preconceito e legendas com mensagens de tolerância e contra o preconceito.¹⁰³ Vale ressaltar que a trama vinha obtendo surpreendentes índices de audiência, superando até mesmo as novelas exibidas no horário nobre da emissora.¹⁰⁴ Sobre a cena, os autores do folhetim, Rosane Svartman e Paulo Halm, falaram:

“Nossos personagens homossexuais sempre foram bem resolvidos, até mesmo em suas formas de falar sobre o assunto e se assumirem. Isso nunca foi uma questão para a novela. Estamos tratando agora sobre a intolerância e abordando uma realidade diária do nosso país. Não podemos ignorar esses acontecimentos em uma novela que trata de assuntos tão atuais. Não temos receio, porque a ideia não é mostrar

¹⁰¹ Retirado de <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2016/01/09/marjorie-estiano-publica-foto-em-protesto-contratransfobia/>

Última visualização em 18/06/2016

¹⁰² Retirado de <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/01/bruno-mazzeo-veste-blusa-contrahomofobia-e-responde-criticas.html> - Última visualização em 18/06/2016

¹⁰³ Retirado de <http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/atores-e-atrizes-de-totalmente-demais-farao-acao-contrahomofobia.html> última visualização em 18/06/2016

¹⁰⁴ Retirado de <http://rd1.ig.com.br/totalmente-demais-superou-audiencia-de-velho-chico-nos-ultimos-tres-meses/>. Última visualização em 18/06/2016

apenas a violência, mas a luta contra a homofobia e como o amor, as solidariedades podem ajudar nisso. Como dissemos, a novela é atual. Trata do cotidiano do brasileiro, tem vários perfis de personagens que o telespectador pode ou não se identificar. E tratar de um assunto tão delicado e, que infelizmente, acontece diariamente, é de grande importância. Não vamos ignorar os dramas e defeitos da sociedade. Temos ali um personagem, que é o Max, muito bem resolvido com sua orientação sexual, que vai sofrer um ataque por conta da intolerância - um fato que ocorre todos os dias nas ruas. Parte do público vai se identificar com aquilo, já passou por preconceito, já vivenciou ou conhece alguém que já passou por isso. É como um alerta. ”¹⁰⁵

A sexta campanha da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual foi intitulada “CEDS: A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito” e teve como slogan “Não Fique Calado Diante da Homofobia”. Esta campanha reuniu um elenco com dez grandes nomes da teledramaturgia brasileira, que cederam as suas imagens voluntariamente por identificação com a causa. Lançado em um show gratuito no Circo Voador, o vídeo da campanha ultrapassou a marca de cinco milhões de visualizações. Esta campanha será objeto de análise no próximo capítulo, sendo, portanto, destrinchada detalhadamente mais à frente.

No Carnaval de 2016, a CEDS-Rio seguiu a fórmula de sucesso obtida na campanha “Beijinho no Ombro e Camisinha no Bolso” e mais uma vez convidou como ‘*garota-propaganda*’ uma cantora de apelo popular e utilizou um de seus hits, com destaque nas rádios e paradas musicais, para transmitir uma mensagem de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis. Desta vez, a escolhida foi Anitta e seu hit BANG, carro-chefe de seu cd homônimo. Nasceu assim a campanha “Vamos dar um BANG no HIV”.

Hoje, a Prefeitura do Rio tem a maior ação de rua de prevenção no país. Esse *hit* da Anitta teve mais de 100 milhões de acessos e ela veio voluntariamente participar da nossa campanha, reconhecendo a importância da ação. Estou muito feliz com essa campanha porque a Anitta tem uma linguagem moderna e efetiva, que atinge um público de diversos recortes de gênero e faixas etárias. Achamos que ela era a artista ideal para passar a nossa mensagem para as pessoas, afinal a prevenção também é uma forma de amor.¹⁰⁶

O vídeo de “Vamos Dar um BANG no HIV” é uma adaptação ao videoclipe da música, que se alimenta de fortes inspirações da pop art. de Roy Lichtenstein. No original, em preto e branco, a artista interage com animações de cores fortes, que se misturam à sua coreografia e à sua performance. As ilustrações do vídeo são assinadas

¹⁰⁵ Retirado de <http://www.cedsrio.com.br/site/noticias/2016-02/entrevista-exclusiva-autores-falam-sobre-homofobia-na-novela-totalmente-demais>. Última visualização em 18/06/2016

¹⁰⁶ Retirado de <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=5907062> - Última visualização em 18/06/2016

por Giovanni Bianco, badalado diretor de arte brasileiro, responsável pela capa de quatro cds de Madonna (Confessions On a Dance Floor [2005], Hard Candy [2008], MDNA [2012] e Rebel Heart [2015]) além de campanhas de grandes clientes como Dolce & Gabbana.¹⁰⁷

“Vamos Dar um BANG no HIV” respeita a estética do clipe original, e insere animações em que a artista e seus dançarinos interagem com embalagens coloridas de preservativos e “combatem” as doenças sexualmente transmissíveis. Todas as ilustrações utilizadas no vídeo foram previamente aprovadas por Giovanni Bianco e Anitta. O diretor do vídeo, Gabriel Mellin, explica um pouco sobre a ideia desta interação:

“O maior desafio foi respeitar toda a criação de Giovanni Bianco para o clipe, mas trazendo para a campanha. Ele brinca com a Anitta no preto e branco e o resto colorido. E aí a gente achou perfeito quando pegamos a camisinha e percebemos que a embalagem da camisinha distribuída pela Prefeitura do Rio é roxa e amarela. A gente tem um contraste de cores e a camisinha tá ali chamando a atenção”.¹⁰⁸

A campanha "Vamos dar um Bang no HIV" foi divulgada através dos canais Globosat, nos trens da Supervia, nas estações de embarque do Pão de Açúcar, nos cinemas dos grupos Itaú e Cinemark e nas mídias OnBus e nos BRTs. Mas, é nas redes sociais em que o vídeo ganha mais força. Na página oficial do YouTube da CEDS-Rio o vídeo foi visualizado mais de 70 mil vezes. Na página oficial do facebook de Anitta, o vídeo foi visualizado mais de 2 milhões de vezes. Já no Instagram da cantora, uma versão de 15 segundos da campanha ultrapassou 900 mil visualizações. No total, o vídeo tem cerca de 3 milhões de exibições.

A Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual foi criada há cinco anos e uma das nossas funções e que virou já uma das marcas da nossa atuação é a comunicação forte e efetiva com a sociedade como um todo. Eu acho que isso é uma nova linguagem para campanhas de Poder Público e que a gente tem o orgulho de ter instituído na Prefeitura do Rio de Janeiro.¹⁰⁹

Entretanto, a opção estratégica de comunicação da CEDS-Rio não é uma unanimidade dentro dos movimentos de militância LGBT. Em recente evento gratuito, promovido pela Coordenadoria, no Cine ODEON, foram exibidas todas as peças publicitárias das campanhas Rio Sem Preconceito. O que despertou o olhar crítico de alguns militantes. Como aponta o colunista Leopoldo Duarte:

¹⁰⁷ Informações retiradas de https://pt.wikipedia.org/wiki/Giovanni_Bianco.

¹⁰⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gS6B0OyTCU8>

¹⁰⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gS6B0OyTCU8>

Antes do filme foi apresentado uma série de vinhetas produzidas pela Coordenadoria e 80% dos protagonistas dessas campanhas anti intolerância promovida pela Coordenadoria eram pessoas famosas, héteros e brancas. Todas “agregando valor” a suas carreiras e promovendo uma mensagem que apenas diz que é feio ter preconceitos. Como se isso fosse novidade pra alguém ou isso tivesse algum efeito pedagógico de fato. É um discurso realmente falho que trata DIVERSIDADE sob um viés do lucro e do status. Dois conceitos esvaziados de humanidade que é o que falta na visão de quem enxerga no outro um mal a ser exterminado ou evitado.¹¹⁰

¹¹⁰Retirado de - <http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2016/07/04/diversidade-a-ceds-representa/>
- última visualização em 18/06/2016

3. NOVIDADES E EFEITOS DA CAMPANHA “CEDS: A SUA VOZ NA LUTA CONTRA O PRECONCEITO”

Neste capítulo faremos um estudo de caso sobre a campanha audiovisual de maior alcance da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual, atingindo cerca de cinco milhões de visualizações na internet. Lançada em 1º de julho de 2015, a peça publicitária “CEDS: A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito” teve como slogan a frase “Não Fique Calado Diante da Homofobia” e reuniu um elenco com dez grandes atores e atrizes da dramaturgia brasileira, que cederam as suas imagens voluntariamente.

3.1 A PREPARAÇÃO DA CAMPANHA: ELENCO E ROTEIRO

A demanda de uma grande campanha para trazer o tema da homofobia se deu devido aos índices crescentes de crimes de ódio contra lésbicas, gays, bissexuais travestis e transexuais no Brasil.

Segundo dados do 2º Relatório Sobre Violência Homofóbica, divulgado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, houve um aumento de 46,6% nos crimes de ódio no Brasil.¹¹¹ Entretanto, este - que é o último relatório oficial do Governo Federal sobre a LGBTfobia no país - traz dados do ano de 2012. Desde então, não foi realizado mais nenhum levantamento oficial sobre o número de mortes ou de crimes motivados por homofobia, lesbofobia ou transfobia no território brasileiro.

A partir desta lacuna aberta pelo Poder Público, o Grupo Gay da Bahia (GGB) criou a página “*Quem a homotransfobia matou hoje?*”, em que faz um levantamento das mortes causadas pela LGBTfobia em todo o Brasil.¹¹² Entretanto, por não se tratar de um órgão pertencente à gestão pública, estes dados não são oficiais. É importante salientar que esta pesquisa tem como embasamento apenas assassinatos que foram noticiados pelos veículos de comunicação em todas as regiões do país, e conta com a colaboração de outras ONG LGBT brasileiras.

Os números levantados pelo Grupo Gay da Bahia colocam o Brasil na incômoda liderança do ranking mundial de assassinatos homofóbicos. E, segundo o relatório da

¹¹¹ Retirado de - <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012> - última visualização em 18/06/2016

¹¹² Fundado em 1980, o Grupo Gay da Bahia é a mais antiga organização não governamental (ONG) de defesa dos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais ainda em atividade no Brasil. Atualmente é presidida por Marcelo Cerqueira, mas o GGB é conhecido pelo trabalho de um de seus fundadores, um dos decanos do movimento LGBT brasileiro: professor Luiz Mott, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia. <http://www.ggb.org.br>

organização europeia *Transgender Europe*, o país concentra quase metade do total de homicídios de transexuais do mundo.¹¹³ Para o antropólogo, militante e ex-presidente do GGB, Luiz Mott:

O Brasil tem um lado cor-de-rosa: a maior parada gay do mundo, a maior e mais dinâmica associação LGBT do mundo [ABGLT], as novelas estão cada vez mais incluindo personagens gays, lésbicas e trans. Há ainda conquistas institucionais importantes, como o casamento homoafetivo, o nome social para travesti em mais de 20 entidades, universidades e até Ministério Público. Mas, ao mesmo tempo, há um lado vermelho sangue, que é representado pelos assassinatos. Diferentemente do Irã, do Sudão, onde há pena de morte contra os homossexuais, o Brasil não tem legislação punitiva, mas aqui se mata muitíssimo mais do que nos países onde há pena de morte.¹¹⁴

Ainda segundo dados do GGB, *Somente em 1/4 desses homicídios o criminoso foi identificado (94 de 318), e menos de 10% das ocorrências redundou em abertura de processo e punição dos assassinos.*¹¹⁵

Apesar dos números assombrosos, ao que tudo indica há uma subnotificação dos crimes motivados por LGBTfobia no país. Afinal, como a homofobia não é tipificada no Código Penal, muitas destas mortes, ao momento do registro, acabam sendo catalogadas em outras categorias criminais. Como alerta o coordenador do banco de dados deste levantamento, o analista de sistemas Eduardo Michels:

A subnotificação destes crimes é notória, indicando que tais números representam apenas a ponta de um iceberg de violência e sangue, já que nosso banco de dados é construído a partir de notícias de jornal e internet. Infelizmente são raríssimas as informações enviadas pelas mais de trezentas Ongs LGBT brasileiras. E a Secretaria Nacional de Direitos Humanos e o Disk 100 atestam sua incompetência ao não documentar a violência letal contra mais de 10% da população brasileira constituída por LGBT. A realidade deve certamente ultrapassar em muito tais estimativas, sobretudo nos últimos anos, quando os familiares das vítimas, policiais e delegados cada vez mais, sem provas e sem base teórica, descartam preconceituosamente a presença de homofobia em muitos desses homicídios”.¹¹⁶

Portanto para prosseguirmos com este estudo, é necessário que definamos o conceito de crime de ódio:

Apesar de poucos países especificarem os crimes de ódio no seu ordenamento jurídico, é internacionalmente consensual a definição do termo. São entendidos como crimes de ódio todos os crimes contra as

¹¹³ Retirado de - http://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/21/politica/1390336642_945878.html - última visualização em 18/06/2016

¹¹⁴ Retirado de - <http://noticias.r7.com/cidades/homofobia-motivou-um-assassinato-a-cada-27-horas-em-2014-no-brasil-16032015> - última visualização em 18/06/2016

¹¹⁵ Disponível em <https://grupogaydabahia.com.br/2016/01/28/assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-2015/>

¹¹⁶ Retirado de - <https://grupogaydabahia.com.br/2016/01/28/assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-2015/> - última visualização em 18/06/2016

pessoas motivados pelo preconceito, em razão, nomeadamente, da pertença da vítima a determinada raça, etnia, cor, origem nacional ou territorial, sexo, orientação sexual, identidade de género, religião, ideologia, condição social ou deficiência física ou mental.

Os crimes de ódio são diferentes de outros crimes pelo fato de serem dirigidos não apenas a uma pessoa individual, mas antes a um determinado grupo com determinadas características específicas. Deste modo, os grupos alvo dos crimes de ódio podem sentir que não são bem-vindos, que não se encontram seguros numa determinada vizinhança, comunidade, escola ou local de trabalho. Normalmente, os perpetradores de crimes de ódio têm como objectivo ameaçar e enviar uma mensagem de ódio a uma comunidade inteira, e sendo membro desta comunidade pode existir um sentimento coletivo de insegurança e medo.¹¹⁷

Ao longo dos primeiros meses do ano de 2015, o município do Rio de Janeiro foi palco para uma série de episódios de homofobia, ocorridos em locais usualmente frequentados por jovens LGBT, gerando uma ebulição e mobilização desta comunidade em defesa de seus direitos e cidadania.

No mês de março, um episódio homofóbico ganhou grande visibilidade, através da mídia e das redes sociais. Ele ocorreu na Praça São Salvador, um tradicional ponto de encontro de jovens cariocas, localizado em Laranjeiras, na Zona Sul da cidade. Segundo relatos, por trocar carícias, um casal homossexual foi agredido por frequentadores de um bar da região. Os agressores teriam utilizado até mesmo garrafas. As vítimas do ataque teriam pedido auxílio aos responsáveis pelo estabelecimento e para a polícia, que nada fizeram.¹¹⁸

Como resposta ao episódio, um grupo de ativistas pró-LGBT se reuniu e criou um coletivo de militância chamado “Beijo na Praça”. O seu primeiro ato foi um evento intitulado “Guerra de Purpurina” no qual eles promoveram um “Beijato” em frente ao estabelecimento no qual o casal gay havia sido agredido. “Fomos atacados por vidro e ódio, responderemos com muita purpurina e beijo na boca”. Com esta descrição, o evento era divulgado e compartilhado nas redes sociais, convocando jovens homossexuais e simpatizantes a aderir à manifestação.¹¹⁹

“Nós não queremos estar em guetos e não aceitaremos mais ser expulsos de lugar nenhum. Temos direito a frequentar todos os espaços e a exercermos a nossa

¹¹⁷ Retirado de http://www.apav.pt/apav_v3/index.php/pt/uavidre/areasintervencao/uavidre/crimes-de-odio

¹¹⁸ Disponível em <http://oglobo.globo.com/sociedade/ativistas-gays-fazem-beijaco-na-praca-sao-salvador-15722514> - última visualização em 18/06/2016

¹¹⁹ Retirado de <http://oglobo.globo.com/sociedade/ativistas-convocam-para-guerra-da-purpurina-na-praca-sao-salvador-15681930#ixzz4D1kMmVJn> - última visualização em 18/06/2016

cidadania livremente", afirmou o ativista Thiago Bassi, um dos organizadores do ato e representantes da Frente "Beijo na Praça".^{120 121}

Apenas alguns dias depois, outro "Beijato" foi promovido pela Frente Beijo na Praça. Desta vez, ele ocorreu em frente ao Bar Durangos, localizado na Rua Voluntários da Pátria, em Botafogo, na zona sul do Rio de Janeiro. A rua concentra uma grande quantidade de bares e botequins e é usualmente frequentado por jovens cariocas de diversas orientações sexuais. Segundo os organizadores da manifestação, o ato aconteceu devido a um episódio de lesbofobia, no qual um casal de duas mulheres teria supostamente sido desrespeitado pelo dono do estabelecimento. Entretanto, este protesto não teve um final pacífico. Uma confusão generalizada teve início e ambos os lados se acusaram de agressão.¹²²

Enquanto a cidade do Rio de Janeiro vivia um momento de conflitos e de ebulição, um trágico caso de homofobia chocava o país. Peterson Ricardo de Oliveira, de apenas 14 anos, foi agredido por seus colegas de classe. A motivação da agressão supostamente teria sido o fato dele ser criado por pais homossexuais. Em virtude de uma hemorragia cerebral, causada pela agressão, o adolescente veio a falecer. *"Eu não sabia que meu filho sofria preconceito por ser filho de um casal homossexual. O delegado que nos informou. Estamos tristes e decidimos divulgar o que aconteceu para que isso não se repita com outras crianças"*, contou um dos pais. O caso aconteceu em Ferraz de Vasconcelos, município da Grande São Paulo.¹²³

Ainda neste momento, no contexto nacional, havia uma grande discussão diante da rejeição do público à novela Babilônia, exibida no horário das 21 horas, pela Rede Globo. Muitos apontavam que a causa para a baixa audiência do folhetim – considerada a novela das oito de pior audiência da história da Rede Globo - se devia à homofobia e ao racismo do telespectador. O folhetim sofreu forte resistência de setores conservadores e religiosos por, logo em seu primeiro capítulo exibir um beijo entre as personagens interpretadas por Fernanda Montenegro e Nathália Timberg. Dentre as

¹²⁰Retirado de - <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/grupo-promove-beijaco-contrahomofobia-na-zona-sul-do-rio.html> última visualização em 18/06/2016

¹²¹ Beijaço é uma forma de protesto, frequentemente utilizada pela comunidade LGBT. Ele consiste na reunião de vários casais homossexuais para se beijarem (dentro ou em frente) a algum lugar que tenha anteriormente reprimido alguma manifestação de afeto de casais do mesmo sexo. Como forma de manifestar a repulsa por tal ação e com o intuito de chocar aqueles que rejeitam tais formas de orientação sexual.

¹²² Retirado de - <http://oglobo.globo.com/sociedade/ativistas-lgbt-denunciam-agressao-apos-protesto-contrahomofobia-em-botafogo-15765273> - - última visualização em 18/06/2016

¹²³ Retirado de - <http://extra.globo.com/noticias/brasil/morre-adolescente-que-teria-sido-agredido-por-ter-pais-gays-15548894.html#ixzz4D1px5Bqg> - última visualização em 20/06/2016

lideranças religiosas que se manifestaram publicamente contra a novela, clamando um boicote a seus seguidores, estava o Pastor Silas Malafaia, líder da igreja Assémbleia de Deus Vitória em Cristo, uma das maiores congregações evangélicas neopetenconstais:

“A Rede Globo é a maior patrocinadora da imoralidade e do homossexualismo no Brasil [...] Duvido que, nos Estados Unidos, às nove e meia da noite, mostrem na TV cenas de duas mulheres se beijando. Duvido! E não tem nada de puritanismo nisso, porque lá é uma democracia. No Brasil, estão confundindo liberdade com libertinagem. [...] Querem detonar todos os valores morais da sociedade. Soube ainda que vai ter um homofóbico nessa novela. Vão confundir preconceito com liberdade de expressão, o meu direito de discordar de alguma coisa”.¹²⁴

As críticas não poupavam nem mesmo a grande dama da dramaturgia brasileira, Fernanda Montenegro, que se tornou uma das mais ardorosas defensoras do folhetim:

"É a primeira novela em que dois terços do elenco são de atores negros, que não são subservientes, que ascendem por um esforço próprio enorme, e que se casam de uma forma muito miscigenada. Então ficou tudo em cima da homossexualidade, mas eu tenho certeza que sobre essa zona da negritude tão ascendente e tão vitoriosa, sem subserviência, ninguém vai falar porque o preconceito de raça realmente dá cadeia, então querem ver o negro não sei onde, um caso aqui outro ali numa novela, mas uma frente de negritude ganhando espaço numa novela das nove? Nunca houve e ninguém fala"¹²⁵

Além de Fernanda Montenegro, Marcos Pasquim sofreu com a rejeição do público. O ator acostumado a interpretar papéis muito pautados na masculinidade, surpreendeu ao anunciar que interpretaria um personagem não heteronormativo em Babilônia. O seu personagem, na sinopse era descrito como homossexual, mas, ‘se tornou’ heterossexual ao longo dos capítulos devido à demanda do público feminino do folhetim. Um romance com outro personagem do mesmo sexo, previsto na história original, foi retirado da trama. Nas palavras de um dos autores da novela, o consagrado Gilberto Braga: “*(Mudei) para atender um pedido de um grupo de discussão de São Paulo. Elas tinham tesão pelo Pasquim e lamentaram o fato de ele ser gay na novela*”...¹²⁶

A crise no Ibope e a campanha de setores conservadores contra Babilônia fizeram mais uma vítima. A emissora abortou a trama gay que envolveria os personagens de Marcos Pasquim e Marcello Melo. Intérpretes de machões em produções anteriores, eles não terão mais um

¹²⁴ Retirado de - <https://noticias.gospelprime.com.br/rede-globo-imoralidade-silas-malafaia/> - última visualização em 20/06/2016

¹²⁵ Retirado de - <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/em-entrevista-fernanda-montenegro-afirma-que-racismo-motivou-baixa-audiencia-de-babilonia/> - última visualização em 20/06/2016

¹²⁶ Retirado de - <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/gilberto-braga-comenta-audiencia-abaxo-do-esperado-de-babilonia-promete-castigar-vila-no-final-nao-aguento-mais-impunidade-16294452#ixzz4CNFvYYU3> última visualização em 20/06/2016

caso, como estava previsto na sinopse da novela das nove. O treinador Carlos Alberto, personagem de Pasquim, não será mais gay. Os autores de Babilônia criaram um argumento para justificar sua repulsa a mulheres. No lugar de atração por homens, entrará um trauma do passado. O treinador foi apresentado desde o início como um homem separado, com uma ex-mulher que viveria em outra cidade. Os autores de Babilônia chegaram a escrever um diálogo dele com Helô (Carla Salle) revelando que nunca saiu com um homem. A cena estava prevista para ir ao ar na última segunda-feira (4), mas foi anulada. "Eu acho que eu sou gay. No começo, nem sabia direito, acho que eu era muito novo pra entender. Eu sempre tive curiosidade, atração, mas não podia! Eu era atleta, todo o mundo treinava junto e viajava. Pra ninguém desconfiar, eu fingia e disfarçava. Eu fui campeão olímpico, famoso, imagina se todos soubessem? Ia ser um escândalo! Você não sabe como eu fiquei aliviado quando conheci uma mulher que eu gostei, aí casei logo e tive filho. O mundo era diferente naquela época! Agora, não que seja fácil, mas as pessoas aceitam mais", diria ele à garota de programa, que a esta altura teria se tornado sua amiga. Por não aceitar sua homossexualidade, ele também se entregaria à bebida e viveria de pileque, sendo repreendido constantemente pelo filho homofóbico.¹²⁷

Vale ressaltar que entre os dez artistas que participaram da campanha "CEDS: A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito", quatro estavam no elenco principal da novela Babilônia (Glória Pires, Marcos Pasquim, Bruno Gagliasso e Thiago Martins).

Por depender da participação voluntária dos atores e atrizes, o elenco da campanha ainda era uma incógnita até a manhã da gravação, ocorrida no dia 10 de junho de 2015, no estúdio Walter Avancini do Polo Rio Cine & Video, na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Nomes como o de Alexandre Borges vieram a ser confirmados apenas na data.

A campanha tinha como produtor de elenco Candé Salles, que havia recebido orientação prévia para encontrar determinados perfis para formar o casting: eram previstos quatro atrizes e quatro atores, que abrangessem uma diversidade de etnias, gêneros e faixas etárias. Mas ao fim, todos aqueles que se identificaram e se dispuseram a participar, gravaram a campanha. Foram ao fim, sete atores e três atrizes, totalizando dez figuras públicas no vídeo. Foram eles: Alexandre Borges, Antônio Pitanga, Betty Lago, Bruno Gagliasso, Glória Pires, Marcos Pasquim, Mateus Solano, Paolla Oliveira, Stênio Garcia e Thiago Martins.

É interessante notar que as personalidades que integraram a campanha, tinham em seu histórico, algum papel ou motivação que lhes davam credibilidade para participar do vídeo, tornando o discurso de tolerância mais verossímil.

¹²⁷Retirado de - <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/globo-cancela-trama-gay-e-marcos-pasquim-agora-vivera-heterossexual-7740#ixzz4D1tBrJpm> – última visualização em 20/06/2016

Além do episódio ocorrido com Marcos Pasquim, podemos citar como exemplo a consagrada Glória Pires, que havia recentemente interpretado uma personagem lésbica no longa metragem *Flores Raras*, que retrata a história de amor entre Elisabeth Bishop (poeta americana vencedora do Prêmio Pulitzer em 1956) e Lota de Macedo Soares (arquiteta carioca que idealizou e supervisionou a construção do Parque do Flamengo).¹²⁸ No ano de 2013, a atriz foi vencedora do Prêmio Rio Sem Preconceito, por dar visibilidade e por sua postura de defesa aos LGBT.

Já o ator Mateus Solano, protagonizara o primeiro beijo entre duas pessoas do mesmo sexo da teledramaturgia da Rede Globo, na novela *Amor à Vida*. Além disso, ele foi nomeado embaixador da boa vontade do UNAIDS.

O texto do Walcyr Carrasco [autor de *Amor à Vida*] é muito corajoso por colocar pela primeira vez alguém falando que ‘opção sexual’ não é o jeito certo de se referir à sexualidade, que é uma condição sexual. Como Félix disse pra Edith, ele não escolheu ser como é. É algo novo em novelas, em uma sociedade heteronormativa. A minha preocupação é reproduzir a paixão que tenho pela minha profissão, mas fico muito feliz em estar representando esta parte da sociedade. Eu tento medir o sofrimento dessas pessoas, mas só sabe mesmo quem sente. Boa parte das maldades do Félix tem origem nisso, no fato dele ter de esconder sua sexualidade do pai, da sociedade. A violência contra os gays e estas opiniões antiquadas de que os gays vão ‘destruir a família’ são terríveis. O que destrói uma pessoa é não a aceitar como ela é! Se você reprime a sexualidade, ela não se desfaz, ela continua crescendo em algum lugar e em algum momento explode de alguma forma. No caso do Félix, ela se transforma em maldade, em vilania. Muita ‘bicha má’ por aí é fruto dessa frustração.¹²⁹

Podemos também citar o caso do galã Bruno Gagliasso, que interpretava o homossexual Júnior na novela *América*, exibida no ano de 2005, no horário das nove, na Rede Globo. A autora Glória Perez havia escrito um clássico final feliz para o personagem de Gagliasso, e o primeiro beijo gay da teledramaturgia brasileira estava previsto para o último capítulo do folhetim. Entretanto, apesar da cena ter sido gravada, nunca foi ao ar. Em uma entrevista recente, o ator criticou a postura da emissora: “*No dia em que não foi ao ar fiquei muito triste, chorei. Foi censurado, né? A gente gravou a cena sete vezes. Quem faz arte não entende censura*”.¹³⁰

No início do ano de 2015, meses antes da gravação da campanha, Paolla Oliveira teve seu trabalho reconhecido ao interpretar uma personagem bissexual na minissérie

¹²⁸ Retirado de <http://globofilmes.globo.com/filme/floresraras/> - última visualização em 20/06/2016

¹²⁹ Retirado de <http://igay.ig.com.br/2013-06-17/mateus-solano-sobre-felix-muita-bicha-ma-e-frustrada-por-nao-ser-aceita.html> - última visualização em 20/06/2016

¹³⁰ Retirado de <http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2014/03/10/bruno-gagliasso-beijo-gay-america-censurado-encontro-fatima-bernardes/> - última visualização em 20/06/2016

“Felizes Para Sempre?” de Fernando Meirelles. A atriz, que se tornou famosa por interpretar mocinhas clássicas, como nas novelas *Insensato Coração* (2011) e *Amor à Vida* (2013), se reinventou ao interpretar uma prostituta que se relacionava com um casal. Sobre as polêmicas envolvendo beijo gay, ela foi categórica: *“E com relação ao beijo, beijo é beijo, quando você usa o termo beijo gay parece que está fazendo algo diferente, como beijar de cabeça para baixo. O beijo é o ápice de uma relação, e para relação de amor não existe tabu”*.¹³¹

Portanto, não foi por acaso a escolha de atores e atrizes heterossexuais e cisgêneros para uma campanha de defesa aos direitos e à cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Além do fato da identificação dos artistas com a causa, o intuito era que a mensagem não sensibilizasse apenas a própria comunidade LGBT, mas que alcançasse a sociedade como um todo. A partir do conceito de que a homofobia não afeta só aos homossexuais, mas também aos seus familiares e amigos. E desta forma, atinge toda a comunidade.

Buscamos sempre pessoas públicas que tenham em suas histórias passagens de compreensão ao próximo, solidariedade, gentileza e cordialidade. Que sejam queridas pelo público e possam passar mensagens sérias com credibilidade e entrega. O mais bacana é perceber que todos que escolhemos se identificam, abraçam e vestem a camisa das nossas campanhas. Acreditamos no poder dessas figuras públicas junto a toda população. São atores, atrizes, cantores e personalidades queridas de todo o público. As mensagens são contra a discriminação e o preconceito e nosso intuito é mudar a ideia de quem pensa calçado nesses dois males. Para isso, nada melhor do que pessoas queridas do grande público difundindo um alerta do quanto é prejudicial ser preconceituoso. Acreditamos que um homofóbico preste atenção no que tem a dizer um homem exemplar, galã heterossexual e bem resolvido com sua sexualidade como Mateus Solano, Thiago Martins ou Alexandre Borges, para citar alguns exemplos.¹³²

Tal escolha é um fator de polêmica dentro da militância LGBT devido à questão do *protagonismo*. Importantes representantes dos movimentos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais defendem que apenas as vítimas da LGBTfobia poderiam compreender os males do preconceito, e, portanto, deveriam protagonizar e ter a voz principal nas campanhas de defesa de seus direitos. Já que a heteronormatividade já os invisibiliza no cotidiano, seja nas outras peças publicitárias ou nas obras dramáticas.

¹³¹Retirado de <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/paolla-oliveira-quer-mudar-os-rumos-da-carreira-com-prostituta-de-felizes-para-sempre-15133910#ixzz4CphBTNNP> - última visualização em 20/06/2016

Com o avanço dos movimentos sociais, os negros, o feminismo e a comunidade LGBT, mesmo que aos poucos, têm suas pautas atendidas, ganham voz e conseguem mais espaço em uma sociedade historicamente contrária a tudo que fuja do padrão hétero-branco-patriarcal. Isso é ótimo. Mas como não poderia deixar de ser, algumas pessoas não ficam felizes com esse avanço e atacam todos que fogem ao padrão. E como nós já tomamos consciência de que isso é um problema, cismamos de entrar em discussões, produzir informação e falar como se fôssemos parte daquela luta. Ao fazermos isso, estamos diminuindo todas as conquistas que pessoas realmente envolvidas naquela luta tiveram e anulando todas as batalhas diárias que elas tiveram que enfrentar. Estamos roubando o protagonismo de quem já quase não tem só para reafirmarmos que estamos cientes da existência de uma opressão. Não precisamos disso. Roubando o protagonismo é você aparecer mais do que a pessoa que realmente deveria protagonizar aquela luta, aquela ação, aquele movimento. Roubo de protagonismo não é piada. Se você é branco e rouba o protagonismo de uma pessoa negra, você está fazendo o que a sociedade racista sempre fez: silenciando pessoas negras. Se você é homossexual e rouba o protagonismo de uma pessoa homossexual, você está fazendo o que a sociedade lesbofóbica e homofóbica sempre fez: silenciando lésbicas e gays. Qual a novidade disso? Onde há luta nessa ação?

Como resposta à esta crítica, por outro lado, aponta-se que a visibilidade que dez atores consagrados trazem à uma campanha não pode ser desperdiçada. O total de seguidores das páginas oficiais do Facebook dos artistas do vídeo totaliza mais de 13 milhões. Somente Glória Pires e Mateus Solano atingem 9,5 milhões pessoas através de seus perfis na rede social. O foco não está em quem está falando a mensagem, mas no alcance que a mensagem terá e no público que a receberá.

O roteiro foi escrito por Marcelo Gamarano, o vídeo foi dirigido por Sônia Moraes, com produção da Ultra Comunicação, e teve a supervisão direta do coordenador da CEDS, Carlos Tufvesson, que também formulou o briefing da campanha. É importante trazer os conceitos levantados pela linguista Maria Lílian de Medeiros Yared sobre a comunicação pública:

Seguindo a teoria da Linguística Sistêmico-Funcional, posso considerar que as propagandas governamentais são propostas e não proposições – são atos performativos e não atos “constatativos”. As propagandas, ao envolverem emocionalmente, ao construírem identificações e ao promoverem a ideologia da unificação estão 25 performando um ato ao falar e não apenas performando o ato de falar (AUSTIN, 1974, p. 99). Nesse caso, posso substituir “falar” por “comunicar”.

A ação do Governo, quando produz ideologicamente – e propaga – os comerciais, é semiótica, porque envolve a construção, a transmissão de significados e a propagação de ideologias e sistemas de pensamento instanciados em textos, feitas por instituições governamentais para milhares de pessoas da população brasileira – e é social (um ato perlocucionário) porque é dirigida com o propósito de influenciar o comportamento dos outros por meio de um texto-verbiagem que

recontextualiza diversas práticas sociais e que têm como pano de fundo a emotividade.¹³³

Nesta campanha, especificamente, o principal objetivo a ser atingido era sensibilizar heterossexuais e cisgêneros de que a homofobia, lesbofobia e transfobia é um mal a ser combatido. Para em seguida explicitar que, quem se cala diante do preconceito, está sendo conivente, permitindo a sua perpetuação. E, que, em caso de discriminação, existe uma Coordenadoria da Prefeitura do Rio de Janeiro que pode auxiliar os cidadãos e as cidadãs LGBT. Para Walton:

O principal objetivo da propaganda é conseguir uma audiência para apoiar os objetivos, interesses e políticas de um determinado grupo, garantindo a conformidade do público com as ações que estão sendo contempladas, realizadas ou defendidas pelo grupo. O objetivo da propaganda, então, não é apenas para persuadir ou "reeducar" o público a mudar suas crenças. Ela também tem por objetivo ganhar o compromisso do público de que agirá com base no novo ponto de vista que passou a aceitar, ou a participar em ações de apoio, 'em linha com' ou 'justificado por' este ponto de vista. Assim, a persuasão está envolvida, mas o objetivo do enviado/autor da propaganda é mover as massas à ação (de ir à guerra, comprar um produto etc), para cumprir com a ação, ou para aceitar ou não se opor a uma determinada linha de ação. Mas a persuasão está envolvida por meio de um modo secundário, mas essencial, porque os meios usados para conseguir ação, ou apoio para a ação, é aquele de persuadir a audiência para se tornar comprometida com um particular ponto de vista que a audiência não aceitava antes (ou que não aceitava totalmente)¹³⁴

Para responder a este desafio de comunicação o roteiro desenvolvido foi o seguinte:

A homofobia é uma violência. De ódio.
Que impõe sofrimento não apenas à Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e
transsexuais.
Mas também a seus familiares e amigos.
Uma agressão contra mim. Contra você.
E contra todos nós que acreditamos em um país melhor.
O Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos
homofóbicos.
E a cada dia um cidadão é morto por causa de sua orientação sexual ou
identidade de gênero.
A CEDS, Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual do Rio de
Janeiro acredita que juntos somos mais fortes
E que podemos dar um basta na violência.
E construir um futuro melhor para todos nós.
Não fique calado diante da homofobia.
Se um de nós não tem direitos civis, então nenhum de nós tem direitos
civis.
Só é bom para um quando é bom para todos.

¹³³ YARED, MARIA LILIAN DE MEDEIROS. *A ação semótioco-social da publicidade governamental sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítica e a Multimodalidade* - Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, UnB, 2015

¹³⁴ WALTON, D. *Media argumentation. Dialectic, persuasion and rhetoric*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. P 111

A partir deste momento, iremos analisar o texto, em seus aspectos verbais e não verbais, conforme diz Hjelmslev:

Uma revolução interna na linguística foi desencadeada pela teoria formulada por Ferdinand de Saussure na série de conferências que pronunciou em Paris e que foram publicadas em 1916, após sua morte, teoria essa que a linguística atual vem procurando utilizar e desenvolver. Entre as muitas mudanças introduzidas no conceito de língua por Saussure e seus seguidores, deve-se mencionar antes de tudo o estabelecimento do fato de que a linguagem falada não constitui mero fenômeno fisiológico ou acústico mas sim um sistema de signos que devem ser estudados em conjunção com outros sistemas de signos, não apenas signos gráficos, mas todo e qualquer tipo de signo e símbolo, inclusive a gesticulação e a expressão facial, tão intimamente ligadas à linguagem falada. (HJELMSLEV, 1991 [1954], p. 105.)¹³⁶

Logo de início, o vídeo define o que é a homofobia na visão do anunciante: “*uma violência*”. Para abrir a peça publicitária a escolhida pela direção foi Glória Pires, atriz mais consagrada e de rosto familiar do elenco, no intuito de já aproximar-se do espectador e conquistar a sua confiança pelo discurso de uma personalidade respeitada e reconhecida. Como aponta Maria Lílian de Medeiros Yared:

“O poder de persuasão da publicidade governamental está justamente no fato de que o que aparece expressivamente são os atores, normalmente carismáticos com o público, fazendo o papel de “donos da voz” daquela mensagem. Podemos afirmar que se trata de uma intertextualidade ideológica totalmente velada”.¹³⁷

Em seguida a jovem Paolla Oliveira definir o que causa esta violência: “*o ódio*”. A escolha do termo aqui não pode ser vista como aleatória. Como a homofobia não é especificada como crime pelo Código Penal brasileiro, ao invés de falar em “*crime de ódio*”, o roteiro optou por utilizar o termo “*violência*” como forma de sensibilizar, sem excluir o “*de ódio*” para caracterizar que este é um ato motivado pelo preconceito.

Em seguida, o roteiro procura aproximar a homofobia do expectador. Refutando a ideia de que ela apenas afeta aos cidadãos e às cidadãs LGBT: “*Que impõe sofrimento não apenas à lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, mas também a seus familiares e amigos*”.

Em um contexto em que as orientações sexuais e identidades de gênero não normativas são consideradas como “*destruidoras da família*” pelos setores mais

¹³⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ub16HFLxB0>

¹³⁶ YARED, MARIA LILIAN DE MEDEIROS, opus cit p. 35 *apud* HJELMSLEV, L. Ensaios linguísticos. São Paulo: Perspectiva, 1991 [1937 a 1956]

¹³⁷ YARED, MARIA LILIAN DE MEDEIROS, opus cit

conservadores, o roteiro busca sensibilizar lembrando que o LGBT também tem uma família, e que o sofrimento imposto a ele, também recai em núcleos familiares. Ou seja, quando um homossexual é agredido, este sofrimento também afetará a uma mãe. Ou quando uma lésbica é ofendida, esta ofensa também atinge a um pai.

No momento do texto em que é dito “*lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais*” os rostos se dividem e as vozes se misturam. O objetivo é mostrar que qualquer um de nós poderia estar dentro de uma das letras deste guarda-chuva e poderia ser mais uma vítima desta violência.

O trecho “*uma agressão contra mim*” é interpretada por Betty Lago. A atriz, que veio a falecer em setembro do mesmo ano, passava por uma luta pública contra um câncer. Ela, enquanto mulher, fragilizada pela doença, com os cabelos raspados em decorrência do tratamento, dizer tal frase, fazia uma sensível paralelo com o sofrimento causado pelo preconceito.

É importante ressaltar que na frase seguinte “*contra você*”, lida por Gloria Pires, é o primeiro momento do vídeo em que o locutor se comunica diretamente com o interlocutor.

A partir deste primeiro momento em que o foco está na dor pessoal e das famílias, o roteiro se afasta, e sai da visão do particular para o resultado no geral. Sai do micro, para o macro. Agora o texto percorre as consequências da homofobia no país como um todo, trazendo números e dados da violência homofóbica “*O Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos homofóbicos e a cada dia um cidadão é morto por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero*”, no intuito de sensibilizar “*todos aqueles que acreditam em um país melhor*”.

É neste trecho também a única parte do vídeo em que se utiliza a *voz em off*. Para dar peso através do tom da voz na leitura, Stenio Garcia (ator mais velho da peça) lê “*O Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos homofóbicos*” e Alexandre Borges (segundo homem mais velho) lê “*e a cada dia um cidadão é morto por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero*”. E para dar o apelo estético e artístico à estas mortes, a direção optou pelas imagens de Paolla Oliveira perdendo o fôlego e pelos olhos marejados de Bruno Gagliasso.

Em seguida, a CEDS é apresentada ao público e colocada como uma aliada de todos aqueles que sensibilizaram com a mensagem dita até então. O objetivo é mostrar que, se você de alguma forma se sensibiliza ou sofre com a homofobia, apresentar o fato de que existe uma Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual, no Rio de Janeiro,

que pode auxiliar no enfrentamento à esta *violência de ódio*. A leitura deste trecho, também feita por Gloria Pires, mostra que ela foi vista como um nome respeitado e de credibilidade para dar um discurso de autoridade e confiança sobre este órgão público.

Um dos carros-chefes da campanha, a frase “*Não Fique Calado Diante da Homofobia*” é dita simultaneamente por todos os atores em conjunto, em uníssono. Os rostos são sobrepostos em sequência, e todos pedem ao espectador que não se cale diante desta violência apresentada ao longo de todo o vídeo.

O expectador da campanha é então apresentado ao coordenador da CEDS, Carlos Tufvesson, que apresenta o lema da CEDS para aquele ano: “*Se um de nós não tem direitos civis, então nenhum de nós tem direitos civis*”. Primeiramente, a escolha do termo “direitos” é importante, já que em oposição, as bancadas mais conservadoras do Congresso Nacional brasileiro buscam deslegitimar as causas LGBT, classificando-as como “privilégios”. Em seguida, vem a ratificação de que uma sociedade só goza de plena cidadania, quando todos os seus cidadãos têm acesso a ela.

Em seguida, cabe aos jovens e carismáticos Mateus Solano e Paolla Oliveira, traduzir de forma mais simplista a frase dita anteriormente por Carlos Tufvesson: “*Só é bom para um, quando é bom pra todos*”. Esta é quase que uma forma didática de transmitir o conceito anterior.

E apenas deste momento em diante, já no fim da peça publicitária, que o tom de voz e as expressões nos rostos dos artistas passam se tornar mais leves, denotando que apesar do cenário negativo apresentado, há uma esperança para o futuro.

A peça é então assinada por Alexandre Borges, que usava uma longa barba em virtude de um personagem na novela “*I Love Paraisópolis*”. Com a voz firme e ao mesmo tempo acolhedora, e uma aparência que lhe impunha uma imagem clássica de respeito, ele encerra o vídeo com a assinatura da campanha: *CEDS: A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito*.

3.2 O LANÇAMENTO DA CAMPANHA

A campanha CEDS: A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito foi lançada em um show gratuito no Circo Voador. Tal como na peça publicitária, todos os artistas que participaram da apresentação musical o fizeram de forma voluntária. Passaram pelas históricas lonas montadas da Lapa, tradicional bairro da boêmia e da diversidade

carioca: Simone Mazzer, Pretinho da Serrinha, Teresa Cristina, Emanuelle Araújo, Toni Garrido, Zélia Duncan, Preta Gil, Roberta Sá e Mart'nália.

A sambista Teresa Cristina ressaltou a importância de dar atenção ao crescimento da intolerância religiosa no país: *“Eu queria pedir licença a Carlos Tufvesson para eu também falar sobre a intolerância religiosa. Eu sou umbandista, respeito todas as religiões. Todas. E quero respeito com a minha também”*.¹³⁸

A mestre de cerimônias da noite foi a apresentadora Fernanda Lima. Desde 2009, ela se destaca a frente do programa *Amor & Sexo*, da Rede Globo, em que ela trata de assuntos relativos à sexualidade de forma leve, sempre tentando introduzir e apresentar temas relativos à diversidade sexual.

“Eu vim fazer essa pequena participação porque eu sou totalmente pró a esse movimento contra a violência e contra a homofobia. A favor de paz, de amor e de respeito. E eu acho que eu tinha que vir aqui dar minha humilde palavra, afinal eu também faço um programa de televisão que trata de sexualidade. Então eu to muito interada com todo o tipo de violência que rola e eu acho que a gente não pode admitir este tipo de coisa. E eu, enquanto comunicadora, tenho que usar a minha palavra para ajudar as pessoas”.¹³⁹

A noite teve início com a apresentação de um mini-documentário, dirigido por Candé Salles, com entrevistas de vítimas da LGBTfobia. Dentre os relatos, a lésbica Rafaela Chacon, que sofreu lesbofobia, o homossexual Maxie Maya, que foi agredido no metrô da Cinelândia sob xingamentos homofóbicos; a travesti Melissa Freitas, que foi jogada de um viaduto. E Angélica Ivo, que perdeu seu filho, Alexandre Ivo, de apenas 14 anos, em 2010. O menino, foi torturado e assassinado por quatro homens que continuam impunes até os dias de hoje. A motivação do crime foi homofóbica.

3.3 CRÍTICAS E ESTIMATIVAS DE RESULTADOS

Uma escolha polêmica do roteiro foi a de apenas utilizar o termo “homofobia”. Já que a militância vem nos últimos anos, reivindicando o uso de termos como lesbofobia, bifobia e transfobia; por acreditar que há diferenças e especificidades que distinguem cada uma destas formas de preconceito. Como alternativa, surgiu o termo LGBTfobia, que abrange a todas estas violências.

¹³⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bmWF8ghEpHg>

¹³⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0TIV0l062hg>

Apesar de em suas campanhas, como nas camisas Rio Sem Preconceito, e em seus eventos, como o Discutindo a LGBTfobia, a CEDS priorizar o uso dos termos reivindicados pela militância, na campanha CEDS: A Sua Voz Na Luta Contra o Preconceito a escolha foi diferente.

A justificativa dada foi de que a homofobia é um termo que hoje já ganhou notoriedade e gerar uma mais fácil compreensão de maior parcela da população. Já um termo como LGBTfobia, ainda novo e pouco utilizado, poderia gerar uma quebra na compreensão da mensagem. Mesmo que, haja um sentido por dedução lógica, nem todos tem o conhecimento sobre o significado da sigla LGBT. Isto se dá porque muitos ainda se referem a esta comunidade como ‘GLS’, nomenclatura utilizada no Brasil, até o final da década de 1990, e que abarcava somente *gays e lésbicas*, e incluía os chamados “*simpatizantes*”: aqueles que apesar de heterossexuais, se sensibilizavam com a causa. O coordenador de comunicação da CEDS-Rio, João Felipe Toledo defende que:

Quem não faz parte da sigla LGBT tem certa dificuldade em entender todas as ramificações do movimento. São leigos. Apesar de sabermos que é preciso combater o preconceito em todas as suas vertentes quando o assunto é orientação sexual e identidade de gênero, também precisamos fazer com outras pessoas que não fazem parte da comunidade, saibam o que estamos sofrendo. A homofobia é historicamente mais falada. Mas acredito que com o tempo, o entendimento sobre o uso do termo LGBTfobia será maior e ele passará a ser oficial em reportagens, debates e campanhas.

Outra crítica levantada contra o vídeo é a falta de personalidades negras no elenco. Há apenas um único negro da campanha. Com um discurso que defende a inclusão e a diversidade, não poderia apenas se limitar à LGBTfobia, mas também estar atenta ao racismo, tão notadamente marcado historicamente na sociedade brasileira. Em contrapartida, Toledo rebate que esta crítica “*Não procede. Temos no vídeo o ator Antonio Pitanga, negro e referência na luta por igualdade e respeito.*”

Através de parcerias, o vídeo “CEDS: A sua voz na luta contra o preconceito” foi exibida gratuitamente nos canais Globosat, no bondinho do Pão de Açúcar, na Circuito Itaú de Cinemas, nos trens e estações da SuperVia, no Metrô Rio, nas mídias OnBus e BusTV, nos ônibus e estações do BRT. Já a parte gráfica da campanha esteve presente em mobiliários urbanos espalhados pela cidade.

No total, a Globosat compreende 33 canais (20 canais lineares + 3 exclusivos em HD + 9 canais pay-per-view + 1 canal internacional) e 8 serviços de conteúdo sob

demanda, que estão entre os líderes de audiência no país. E é hoje a maior programadora de TV por assinatura da América Latina e a líder de mercado no Brasil.¹⁴⁰

Já o Bondinho do Pão de Açúcar recebe em média 4,5 mil pessoas diariamente. Destes visitantes, cerca de 75% possuem nacionalidade brasileira e 25% possuem nacionalidade estrangeira.¹⁴¹ Já o Circuito Itaú de Cinemas, no Rio de Janeiro, tem capacidade para receber um público de aproximadamente 6.500 pessoas semanalmente.¹⁴²

Os trens da SuperVia transportam aproximadamente 370 mil passageiros diariamente em 89 estações espalhadas por toda a cidade.¹⁴³ O Metrô Rio é o segundo mais movimentado em número de usuários por dia no país, transportando diariamente cerca de 780 mil passageiros. Possui 36 estações distribuídas em duas linhas.¹⁴⁴

A *OnBus* TV é exibida em 300 ônibus que circulam por diferentes áreas do município do Rio de Janeiro, sendo 100 na zona sul, 100 na zona norte e 100 na zona oeste.¹⁴⁵ Já a *BusTV* é exibida em 400 veículos que circulam pela cidade. A campanha era exibida ao longo de todo o dia, em uma versão reduzida, de 15 segundos.¹⁴⁶

A internet também foi um importante meio para a veiculação da campanha. No canal oficial da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual no Youtube, o vídeo da campanha foi visualizado cerca de 50 mil vezes.

Entretanto, nas páginas oficiais nas redes sociais de alguns dos artistas da campanha, o vídeo viralizou, tomando as redes. No perfil oficial de Paolla Oliveira no Facebook, a peça publicitária foi visualizada 1,1 milhão de vezes. No perfil oficial de Betty Lago, nesta mesma rede social, o vídeo da campanha foi reproduzido 1,6 milhão de vezes.

Além dos artistas que participaram da campanha, outras personalidades compartilharam o vídeo em suas redes sociais, alcançando enorme visibilidade. Como foi o caso do deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ). Compartilhado em seu facebook, o vídeo alcançou 1,7 milhão de visualizações.¹⁴⁷

¹⁴⁰ Reitrado de <http://canaisglobosat.globo.com/canais/>

¹⁴¹ Retirado de - <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/viagem/noticia/2015/09/como-aproveitar-o-passeio-no-bondinho-do-pao-de-acucar-no-rio-de-janeiro-4843154.html> -

¹⁴² <http://www.itaucinemas.com.br/espaco-itaú/unidades/rio-de-janeiro>

¹⁴³ Dados de 2010 <http://www.supervia.com.br/numeros.php>

¹⁴⁴ Dados 2011

https://www.metrorio.com.br/imagens/rel_invest/MetroRioDemonstracoesFinaneiras2011.pdf

¹⁴⁵ Retirado de - <http://www.onbusdigital.com.br/index.php/rede-onbus-2/>.

¹⁴⁶ Retirado de - <https://pt.wikipedia.org/wiki/BUSTV>

¹⁴⁷ Disponível em <https://www.facebook.com/jean.wyllys/videos/915801925134482/>

A homofobia, lesbofobia, bifobia e a transfobia não impoem sofrimento apenas aos LGBTs. Qualquer forma de desigualdade de direitos põe em risco o direito de tod@s nós. Precisamos ser empáticos, por amor ao próximo e também pelo senso de justiça! Parabéns à Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual/CEDS-RIO, coordenada pelo meu querido amigo Carlos Tufvesson, pela campanha! E parabéns à todos os e as artistas que participaram desse movimento contra a intolerância e o preconceito! ¹⁴⁸

CEDS: A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito também obteve um expressivo retorno em mídia espontânea. A campanha foi noticiada espontaneamente em mais de 100 veículos de todo o Brasil (levando em consideração a mídia de web, televisão e impressa). ¹⁴⁹

Aparecer na mídia de uma forma positiva e que não acarrete custos elevados para a empresa é um trabalho difícil. A publicidade, em alguns casos, é economicamente inviável. Com isso, a assessoria de imprensa – que tem como foco a realização de esforços para obter espaço nos veículos de comunicação – tem sido uma grande aliada das organizações. Os veículos selecionam o que é de interesse para o seu público, disponibilizando as informações de modo espontâneo, sem custo algum para as fontes. Esse processo não envolve gastos com publicidade para a empresa, apenas o ganho de confiabilidade em relação ao público – caso a exposição seja positiva. É importante frisar que a empresa precisa trabalhar seu diferencial e capacitar seus porta-vozes, tornando-os fontes atraentes para os jornalistas. A escolha sobre o tom da matéria publicada permanece sendo do veículo. O custo zero da mídia espontânea, o buzz que ela pode gerar e a credibilidade que vem através desse meio são algum dos pontos que estão atraindo a atenção de empresas de pequeno à grande porte para esse tipo de divulgação. Aparecer por meio de veículos de comunicação espontâneos auxilia na construção de um bom *branding e marketing* pessoal. ¹⁵⁰

¹⁴⁸ Retirado de <https://www.facebook.com/jean.wyllys/videos/915801925134482/>

¹⁴⁹ NÚMEROS FORNECIDOS PELA CEDS

¹⁵⁰ Retirado de <http://nancyassad.com.br/a-relacao-da-midia-espontanea-com-assessoria-de-imprensa/>

CONCLUSÃO

A partir do século XVIII, as Revoluções Burguesas e o Industrialismo geraram impactantes transformações políticas, sociais, culturais e econômicas. Neste cenário, uma emergente nova divisão sexual do trabalho e a circulação de ideias feministas, constituíram “*um conjunto de condições para que os corpos, a sexualidade e a existência de homens e mulheres fossem significados de outro modo*”.¹⁵¹

Consequentemente, surgem também novas formas de compreensão do mundo, que geram novos conjuntos de regras, com novas significações e representações para o homem, para a mulher, para as relações e para as sexualidades. Esta ebulição provoca a emergência de novas estratégias e relações de poder que passam a ser estabelecidas.

Nesta nova relação de poder, não podemos deixar de salientar que as mais importantes “*descobertas*” e que as definições mais aceitas serão produzidas por indivíduos em posições hierarquicamente privilegiadas (mais notadamente o homem branco-europeu heterossexual de classes sociais elevadas). Estes indivíduos serão os detentores do “olhar autorizado” para “*estabelecer as diferenças relevantes entre sujeitos e práticas sexuais, classificando uns e outros a partir do ponto de vista da saúde, da moral e da higiene*”.¹⁵²

Como consequência, estas novas definições são estabelecidas a partir de uma linguagem e ótica masculinas, que concebe a mulher como detentora de uma sexualidade *ambígua e potencialmente perigosa*. As definições sobre o que seria ou não seria apropriado se constituíram tendo como referência fundamental os comportamentos tradicionais das classes mais altas das sociedades urbanas ocidentais. “*Buscava-se tenazmente conhecer, explicar, identificar e também classificar, dividir, regar e disciplinar a sexualidade*”. Nascia então a sexologia, e com ela, uma nova hierarquização, fundamentada no “normal” e no patológico.¹⁵³

Junto à sexologia, “nasce” também o homossexual e a homossexualidade. Ou seja, o sujeito e a prática desviante. (É evidente que relações afetivas e sexuais entre indivíduos do mesmo sexo sempre existiram em todas as sociedades e contextos históricos. Porém, neste momento, é importante apontar a nova interpretação e a nova conotação atribuída tanto a este sujeito quanto a este comportamento).

¹⁵¹ JUNQUEIRA, Rogério Diniz Ops Cit. p. 87

¹⁵² Idem, p 88

¹⁵³ Idem

Para garantir à heterossexualidade o caráter de normalidade, irão se manifestar em distintas instâncias sociais (como a família, a medicina, a igreja, a lei, a mídia e a escola) uma série de estratégias que terão como intuito manter a hierarquia da sexualidade hétero sobre a homossexualidade. Para tal, será reafirmado, a partir de estratégias aparentes ou sutis, que existem apenas dois gêneros possíveis e uma única forma normal de desejo – a direcionada para o sexo oposto ao seu. Nasce assim, a heteronormatividade.¹⁵⁴

Entretanto, há uma constante disputa de poder, e, a partir da década de 1960, emergem uma série de movimentos que irão questionar às normatividades e padrões estabelecidos. Neste período, começa a se afirmar a Política de Identidades. Uma sequencia de lutas foi protagonizada por grupos que até então ocupavam um local de subordinação. Negros, mulheres, minorias sexuais e étnicas questionaram teorias e conceitos, propondo novas linguagens e construindo novas práticas sociais. Em outras palavras, modos de viver divergentes à normalidade. Eram disputas por protagonismo, representatividade e visibilidade. Pelo direito de “*falar por si e de falar de si*”.¹⁵⁵

Dentre estas lutas, é importante que citemos o Levante de Stonewall, que viria a se tornar um marco histórico na defesa de direitos civis do movimento LGBT moderno. Esta rebelião contra os constantes ataques e humilhações realizados pela polícia de Nova York para reprimir aqueles que tinham sexualidades divergentes à normatividade, inspiraria Paradas do Orgulho LGBT por todo o mundo.

Esta disputa de poder se mantém até a contemporaneidade. E, é hoje um desafio para o Poder Público garantir a cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Dentre os muitos desafios, está a conscientização contra a LGBTfobia e contra cada uma das diferentes formas de preconceito a que a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais está acometida. Outro importante desafio é a equiparação de direitos entre cidadãos heterossexuais/homossexuais e cisgêneros/transgêneros.

Neste contexto, o presente trabalho buscou abordar como a Prefeitura do Rio de Janeiro responde aos desafios contemporâneos relativos à diversidade sexual.

Em relação às políticas públicas, o município do Rio de Janeiro foi vanguardista no Brasil, quando em 12 de setembro de 1996, o prefeito César Maia, assinou e

¹⁵⁴ Idem

¹⁵⁵ LOURO, Guacira Lopes “Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas”. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008 p. 19

sancionou a Lei 2.475/96, que *pune administrativamente estabelecimentos comerciais, industriais e os servidores públicos municipais que discriminarem pessoas por conta de sua orientação sexual e identidade de gênero.*

É importante salientar também que a própria Lei Orgânica do Município já prevê como obrigação da Prefeitura o combate à discriminação de qualquer natureza:

Ninguém será discriminado, prejudicado ou privilegiado em razão de nascimento, idade, etnia, cor, sexo, estado civil, orientação sexual, atividade física, mental ou sensorial, ou qualquer particularidade, condição social ou, ainda, por ter cumprido pena ou pelo fato de haver litigado ou estar litigando com órgãos municipais na esfera administrativa ou judicial¹⁵⁶

A cidade do Rio de Janeiro também se manteve atual quanto à garantia de direitos a casais do mesmo sexo em relação à previdência e à Assistência dos Servidores Públicos do Município. E desde julho de 2007, o Poder Executivo autoriza a inclusão, como dependentes no plano de saúde da Prefeitura, os companheiros do mesmo sexo dos servidores municipais.

Caberia também ao Rio, um importante papel no reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar pelo Supremo Tribunal Federal (STF) no Brasil. Pois, partiu de um grupo de ativistas cariocas a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) n.º 132. Com a assinatura do ex-governador do Estado, Sérgio Cabral, esta Arguição foi enviada ao STF, que em 5 de maio de 2011, a julgou em conjunto da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) n.º 4277, proposta pela Procuradoria-Geral da República. Neste julgamento histórico, os ministros do STF, deram um parecer unânime e positivo ao reconhecimento da união homoafetiva em todo o território brasileiro.

A solidificação desta cultura de acolhimento aos direitos LGBT no município culminou na criação da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual da Prefeitura do Rio de Janeiro, em fevereiro de 2011, ainda no primeiro mandato do Prefeito Eduardo Paes. O órgão nascia com o intuito de *formular e implementar Políticas Públicas de enfrentamento ao preconceito e à discriminação por orientação sexual e de identidade de gênero, no Município do Rio de Janeiro e de desenvolver ações afirmativas que promovam a inclusão e proteção à cidadania de pessoas que, por conta de sua*

¹⁵⁶ Disponível em

http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4946719/4126916/Lei_Organica_MRJ_comaltdo205.pdf

orientação sexual, expressão ou identidade de gênero, veem seus direitos e garantias fundamentais violados”.

Além de uma intensa atuação na formulação de políticas públicas que asseguram a cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais cariocas, a CEDS-Rio realiza um intenso trabalho de comunicação com a população, no intuito de conscientizar e sensibilizar sobre os malefícios do preconceito. “*O exercício da cidadania parte pelo conhecimento de seus direitos civis já adquiridos, até porque um direito conquistado e não exercido torna-se nulo*”¹⁵⁷, justifica o coordenador Carlos Tufvesson.

Tal posicionamento é necessário, pois como aponta Novelli, através da comunicação pública *fortalece-se as relações com os cidadãos, e estimula-se a sua participação, aumenta-se a confiança pública no governo, melhora a qualidade da democracia e a capacidade cívica da população.*¹⁵⁸

É interessante notar que a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual toma uma escolha diferenciada no público alvo de suas campanhas. Já que, apesar de ser uma Coordenadoria voltada para a promoção de cidadania LGBT, a CEDS-Rio tenta, através de sua comunicação, atingir principalmente cidadãos e cidadãs heterossexuais e cisgêneros. Pois, em uma sociedade heteronormativa e cisnormativa, a estratégia de comunicação mais efetiva seria sensibilizar a sociedade como um todo sobre os males da LGBTfobia. Ainda dentro desta estratégia, podemos notar que as principais personalidades que participaram dos vídeos publicitários deste órgão são declaradamente heterossexuais e cisgêneros.

Todavia, como aponta Wolton, há uma resistência e uma rejeição dos receptores à informações que sejam ‘incomodas’ ou que contradigam as suas visões de mundo. Desta forma, a comunicação de uma mensagem de defesa dos direitos de uma minoria, marginalizada e vítima de preconceito, é um desafio, já que, sofrerá forte resistência daqueles a quem a CEDS-Rio destina esta mensagem.

Por isto, uma das principais estratégias de comunicação desta Coordenadoria para quebrar esta referida resistência, é a analogia à outras formas de preconceito e discriminação. Um conceito, que permeia todas as campanhas da CEDS-Rio é “*se você não precisa ser negro para lutar contra o racismo, se você não precisa ser mulher para lutar contra o machismo, você não precisa ser gay para lutar contra a homofobia*”.

¹⁵⁷Retirado de <http://goo.gl/IR0IAo> - Última visualização em 18/06/2016

¹⁵⁸ Idem

Em seus cinco anos de existência, a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual lançou, no total, sete campanhas audiovisuais para se comunicar com o cidadão carioca. A grande quantidade de vídeos publicitários aponta para a preocupação do órgão em construir uma estratégia sólida de comunicação.

Estes vídeos podem ser divididos em duas categorias: Combate ao Preconceito e Prevenção à DST/AIDS. Para ambas as mensagens, há diversas semelhanças nas estratégias de comunicação. O principal ponto em comum é a participação voluntária de personalidades da mídia, conhecidas por grande parcela da população. Com isto, é possível gerar mais visibilidade e identificação junto ao público.

O pressuposto é de que um artista como Marcos Pasquim, conhecido por interpretar personagens que atendem ao estereótipo da virilidade masculina heteronormativa, possa se comunicar de forma mais direta com o indivíduo cisgênero e heterossexual. Pois, quando alguém com este perfil, traz uma mensagem de tolerância e contra a homofobia, há uma quebra de expectativa, que enriquece a peça publicitária.

Da mesma forma que, ao optar por artistas populares do *Funk Carioca* para comunicar sobre sexo seguro, a estratégia é utilizar a linguagem aberta sobre sexo ligada a este estilo musical, para transmitir uma mensagem de conscientização sobre a importância do uso do preservativo.

Dentre as sete campanhas da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual, optei por desenvolver um estudo de caso sobre o vídeo publicitário que obteve o maior alcance da Coordenadoria, atingindo cerca de cinco milhões de visualizações na internet. Lançada em 1º de julho de 2015, a peça publicitária “CEDS: A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito” teve como slogan a frase “Não Fique Calado Diante da Homofobia” e reuniu um elenco com dez grandes atores e atrizes da dramaturgia brasileira, que cederam as suas imagens voluntariamente.

Esta campanha nasceu em um contexto no qual o Brasil ocupava – e ainda ocupa – a incômoda liderança do ranking mundial de assassinatos homofóbicos. E que, segundo o relatório da organização europeia *Transgender Europe*, o país concentra quase metade do total de homicídios de transexuais do mundo.

Em uma realidade mais local, ao longo dos primeiros meses do ano de 2015, o município do Rio de Janeiro foi palco para uma série de episódios de homofobia, ocorridos em locais usualmente frequentados por jovens LGBT, gerando uma ebulição e mobilização desta comunidade em defesa de seus direitos e cidadania.

Nesta campanha, especificamente, o principal objetivo a ser atingido era sensibilizar heterossexuais e cisgêneros de que a homofobia, lesbofobia e transfobia é um mal a ser combatido. Para em seguida explicitar que, quem se cala diante do preconceito, está sendo conivente, permitindo a sua perpetuação. E, finalmente, que, em caso de discriminação ou violação de direitos, existe uma Coordenadoria da Prefeitura do Rio de Janeiro que pode auxiliar os cidadãos e as cidadãs LGBT.

O elenco conta com uma variedade de perfis em relação à faixa etária e gêneros. Entretanto, a ausência de representação negra é uma forte crítica recebida pela campanha. O ator Antônio Pitanga é o único ator negro no vídeo e pouco aparece na peça publicitária. Uma mensagem que defende a inclusão e a diversidade, não poderia apenas se limitar à LGBTfobia, mas também deveria estar atenta ao racismo, tão notadamente marcado historicamente na sociedade brasileira.

Tal ausência se justifica no fato de que todos os artistas que participam dos vídeos publicitários da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual o fazem de forma voluntária. Portanto, a seleção e escolha dos perfis dos participantes não necessariamente é a mesma que planejada, já que depende da resposta positiva daqueles artistas que se identificarem com a causa ou com a campanha.

Já no lançamento da campanha, em um show gratuito no Circo Voador, os artistas musicais que subiram ao histórico palco desta lona cultural na Lapa, possuíam um perfil diferente. Majoritariamente do sexo feminino e negros (Pretinho da Serrinha, Teresa Cristina, Toni Garrido, Preta Gil e Mart'nália). Mais uma vez, tal escolha dependeu da resposta positiva dos músicos, que voluntariamente se apresentaram naquela noite. Também participaram as cantoras Zélia Duncan, Simone Mazzer, Emanuelle Araújo e Roberta Sá.

Outra crítica ao roteiro foi a escolha de apenas utilizar o termo “homofobia”. Já que a militância vem nos últimos anos, reivindicando o uso de termos como lesbofobia, bifobia e transfobia; por acreditar que há diferenças e especificidades que distinguem cada uma destas formas de preconceito. A alternativa, o termo LGBTfobia, que abrange a todas estas violências, era o mais defendido pelos movimentos LGBT.

Em contrapartida, tal escolha se justificaria pelo fato deste ser um termo novo, o que poderia provocar um ruído na comunicação com o público final do vídeo, que não necessariamente teria as referências para compreender até mesmo o significado da sigla LGBT.

Um dos grandes acertos de CEDS: A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito foi traçar uma estratégia de retorno em mídia espontânea. Sem verbas para investimentos em grandes quantidades de inserções nos grandes meios de comunicação, a alternativa investir na visibilidade das personalidades de mídia que participaram tanto da peça publicitária, quanto do show de lançamento. A campanha se tornou então um tema de interesse público, despertando a atenção dos veículos de comunicação, sendo noticiada espontaneamente em mais de 100 veículos de todo o Brasil (levando em consideração a mídia de web, televisão e impressa).

Além do retorno em mídia espontânea, através de parcerias, o vídeo “CEDS: A sua voz na luta contra o preconceito” foi exibida gratuitamente nos canais Globosat, no bondinho do Pão de Açúcar, na Circuito Itaú de Cinemas, nos trens e estações da SuperVia, no Metrô Rio, nas mídias OnBus e BusTV, nos ônibus e estações do BRT. Já a parte gráfica da campanha esteve presente em mobiliários urbanos espalhados por toda cidade.

A opção estratégica da exibição nos meios de transporte, foi uma interessante resposta para alcançar o objetivo de atingir a população carioca como um todo. Além disso, a internet foi um importante meio reprodutor do vídeo. E, através do compartilhamento das páginas oficiais dos artistas em suas redes sociais, a peça foi reproduzida cerca de cinco milhões de vezes. Um expressivo número para uma campanha publicitária institucional e de um órgão público.

Como conclusão, podemos afirmar que há ainda um longo caminho a ser percorrido para que seja alcançada a plena cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Há ainda uma intensa disputa de poder entre os discursos em defesa e contra a diversidade sexual. Todavia, a existência de políticas públicas voltadas para defender este segmento populacional e a criação de órgãos de proteção a estes cidadãos e cidadãs apontam para uma perspectiva positiva para o futuro. Deste mesmo modo, a participação de grandes personalidades da mídia em campanhas de conscientização e combate ao preconceito, traz visibilidade à questão e inclui esta pauta para diferentes e diversos públicos.

“Deve-se falar de sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostra-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se.

Sobreleva-se ao poder público, exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos”.¹⁵⁹

¹⁵⁹ FOUCAULT, Michel *História da Sexualidade, V.1: A vontade de saber* Graal ed. Rio de Janeiro, 1988.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, ZYGMUNT. *Modernidade Líquida*. Editora Zahar, 2001
- FOUCAULT, Michel *História da Sexualidade, V.1: A vontade de saber* Graal ed. Rio de Janeiro, 1988.
- HJELMSLEV, L. *Ensaio linguísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991 [1937 a 1956]
- KONDO, S. *Transparência e Responsabilização no Setor Público* 2002
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* / – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009
- LAQUEUR, Thomas. *Making sex: body and gender from the greeks to Freud*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990.
- LOURO, Guacira Lopes “Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas”. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008
- NOVELLI, Ana Lúcia “O papel institucional da Comunicação Pública para o sucesso da governança. “ *Revista Organicom*, Edição de 1º semestre de 2016,
- PRATA, Marcelo Ricardo. *A discriminação contra os homossexuais e os movimentos em defesa de seus direitos*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- WALTON, D. *Media argumentation. Dialectic, persuasion and rethoric*. Cambridge:Cambridge University Press, 2007.
- WOLTON, DOMINIQUE. *Informar não é comunicar*. Editora Meridional. 2010
- WYLLYS, Jean *Tempo Bom, Tempo Ruim - Identidades, Políticas e Afetos*. Paralela
- YARED, MARIA LILIAN DE MEDEIROS. *A ação semótioco-social da publicidade governamental sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítica e a Multimodalidade* - Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, UnB,2015

ANEXO 1

PROJETO DAMAS INFORMAÇÕES PRELIMINARES

Desenvolve e implementa programa de inserção cidadã de travestis e transexuais, focando a promoção social a partir da preposição de parcerias com a Secretaria Municipal de Trabalho e Emprego, Educação, Cultura e Assistência Social, com a Coordenadoria Especial de Diversidade Sexual, visando garantir condições concretas de crescimento humano, resgate da autoestima, construção/aceitação de sua identidade, através de atividades de treinamento que incentivem a produtividade, a auto sustentabilidade, a empregabilidade, o aumento de escolaridade, a capacitação e o acesso aos programas sociais e culturais disponibilizados pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Atualmente o projeto tem como meta atender 30 (trinta) travestis e transexuais residentes no município do Rio de Janeiro para cada turma.

O projeto prevê um período aproximado de 06 (seis) meses de aulas teóricas a serem realizadas no CAP 1.0 na Cinelândia (Rua Evaristo da Veiga, nº 16) às terças-feiras e quintas-feiras no horário de 13:00hs até às 17:00hs, com intervalo de 15 minutos.

As usuárias do projeto recebem, durante as aulas teóricas, a título de bolsa mensal o valor de R\$300,00 (trezentos Reais) mensais, mais ajuda de custo para transporte e lanche. Durante a vivência profissional os custeios restringem-se a ajuda mensal da bolsa e a ajuda de custo para transporte.

Após os 06 meses de aulas teóricas as Damas realizam mais 03 meses “Vivência Profissional” onde cada uma é inserida numa órgão público para experimentarem a vivência profissional em ambientes de trabalho, respeitando-se seus perfis e vocação. Nessa fase, a pessoa transgênera sai do grupo de pessoas trans e é inserida num ambiente diverso, onde a heteronormatividade é o padrão, experimentando efetivamente a convivência com a diversidade de pessoas, horários, hierarquia e atividades profissionais, atuando tal qual qualquer outro profissional, durante o período de seis horas diárias e um auxílio de 01 salário mínimo vigente e ajuda de custo para transporte;

As usuárias candidatas ao projeto passam por um processo seletivo realizado pela Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual – CEDS Rio.

O Cronograma de Atividades propostas e as atribuições dos órgãos envolvidos com o Projeto estão descritos ao final, de forma exemplificativa, e não conclusiva, entre eles:

- Desenvolvimento de atividades que visem o acesso aos direitos humanos, a participação comunitária, o retorno e/ou manutenção dos laços familiares e o aumento da empregabilidade das travestis e transexuais, contribuindo assim, para a reinserção cidadã deste segmento na sociedade.**
- Facilitação do acesso das travestis e transexuais e seus familiares à rede sócio-assistencial e psicossocial, tais como educação, saúde, cultura, esporte e lazer e dentre outros.**

- Criação de espaço de discussão e capacitação das usuárias do Projeto para o mercado de trabalho seja através de relações formais de trabalho ou da fomentação de seus próprios negócios.
- Mapeamento e busca das oportunidades de trabalho no mercado formal, criando um banco de dados, à partir de parcerias com o setor privado, para efetiva empregabilidade.

O Projeto Damas possui cinco módulos: 1) Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual; 2) Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social; 3) Secretaria Municipal de Educação; 4) Secretaria Municipal de Saúde; 5) Secretaria Municipal de Trabalho e Emprego e 6) Secretaria Municipal de Educação;

A Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual – CEDSRIO além de coordenar o Projeto Damas e o seu específico módulo de direitos (Direitos decorrentes da Administração Pública e Homoafetivos) também anexa, por cooperação, aulas de representantes do Ministério Público/RJ e da Defensoria Pública/RJ, além de ser responsável pela inclusão de voluntários e oficinas diversas que suprem as necessidades específicas do segmento para inclusão social e mercado de trabalho (História LGBT; Etiqueta; Informações básicas na área de eventos, de gestão, de marketing e de relacionamento e Atividades Psicoterapêuticas, entre vários outros).

A Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social é responsável em conjunto pelo Projeto Damas, protagonizando seus custeios, além de fazer o trabalho de campo captando travestis e transexuais para inclusão da seleção ao Projeto e a articulação com a rede socioassistencial, instrumentalizando a cada aluna inserindo-as em todos os benefícios existentes; também contém em seu módulo oficinas; fonoaudióloga; psicóloga e etc., mantendo uma pedagoga que acompanha pessoalmente todo o Projeto em conjunto com a Supervisora da CEDS.

A Secretaria Municipal de Educação, através de seu módulo, incentiva e apoia a reinserção no ensino médio e fundamental, da rede pública municipal, ministrando aulas de português e inglês, além de aulas de teóricas e práticas de informática. Também atua na esfera cultural, sendo responsável por visitas externas a museus, teatros e cinemas.

Articulação com a Secretaria Municipal de Trabalho e Emprego para possibilitar a inserção no mercado de trabalho, onde todas são cadastradas no Balcão Único de Emprego, municiadas de Carteira de Trabalho e ensinando a realizar currículos dentro dos padrões estabelecidos pelo mercado, contando ainda com informações de cursos e projetos em andamento.

A Secretaria Municipal de Saúde, através de seu módulo, traz à luz temas de interesses gerais e específicos, como o papel do SUS, das Clínicas da Família, e dados e informações sobre hormonioterapia, doenças infecto contagiosas, redução de danos ao uso de drogas e bebidas alcoólicas e etc. Frise-se que uma dos aspectos mais relevantes é o fato das aulas serem ministradas nas Clínicas das Famílias, criando a acessibilidade dessa minoria absolutamente excluída à saúde e informações básicas a este respeito.

A Secretaria Municipal de Cultura aborda sobre os campos de trabalho em diversas frentes na área da cultura: criação, produção, técnica, entre outras, além de realizar visita técnica in loco que envolvam os referidos temas antes expostos em aula, com visita a espaços culturais, como Imperator, Feira de São Cristóvão e outros equipamentos culturais, sempre com aulas guiadas por representantes culturais.

A Secretaria Municipal de Administração se faz representar por Módulo de Administração por representante da referida secretaria, com aulas de empreendedorismo.

ANEXO 2

Entrevista com João Felipe Toledo, coordenador de Comunicação da CEDS – Coordenadoria Especial de Diversidade Sexual concedida a mim, em 10 de julho de 2016

Guilherme: Qual o público-alvo que as campanhas da CEDS busca atingir?

João: Nosso foco é em todo e qualquer cidadão ou cidadã. Jovens ou adultos e até mesmo crianças e idosos. Temos duas linhas a serem seguidas em nossas campanhas: a luta contra o preconceito e a conscientização em relação à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Acreditamos que essas mensagens precisam ser difundidas entre todos e todas, independente da faixa etária. Claro que em nossas campanhas contra a discriminação, miramos em pessoas que têm preconceito ou dificuldade de entender que este comportamento é prejudicial não só a ele. Atinge o outro e toda a sociedade. Nas campanhas de prevenção, nosso foco é nos jovens (parcela que mais cresce quando o assunto é a infecção de DSTs no Brasil) e em todas as pessoas sexualmente ativas.

Guilherme: Como foi feita a escolha do elenco da campanha?

João: Buscamos sempre pessoas públicas que tenham em suas histórias passagens de compreensão ao próximo, solidariedade, gentileza e cordialidade. Que sejam queridas pelo público e possam passar mensagens sérias com credibilidade e entrega. O mais bacana é perceber que todos que escolhemos se identificam, abraçam e vestem a camisa das nossas campanhas.

Guilherme: Porque foram escolhidos atores heterossexuais e cisgêneros para a campanha CEDS: A Sua Voz na Luta Contra o Preconceito?

João: Acreditamos no poder dessas figuras públicas junto a toda população. São atores, atrizes, cantores e personalidades queridas de todo o público. As mensagens são contra a discriminação e o preconceito e nosso intuito é mudar a ideia de quem pensa calcado nesses dois males. Para isso, nada melhor do que pessoas queridas do grande público difundindo um alerta do quanto é prejudicial ser preconceituoso. Acreditamos que um homofóbico preste atenção no que tem a dizer um homem exemplar, galã heterossexual e bem resolvido com sua sexualidade como Mateus Solano, Thiago Martins ou Alexandre Borges, para citar alguns exemplos.

Guilherme: Qual foi a razão da escolha do termo homofobia ao invés do termo LGBTfobia?

João: Quem não faz parte da sigla LGBT tem certa dificuldade em entender todas as ramificações do movimento. São leigos. Apesar de sabermos que é preciso combater o preconceito em todas as suas vertentes quando o assunto é orientação sexual e identidade de gênero, também precisamos fazer com outras pessoas que não fazem parte da comunidade, saibam o que estamos sofrendo. A homofobia é historicamente mais falada. Mas acredito que com o tempo, o entendimento sobre o uso do termo LGBTfobia será maior e ele passará a ser oficial em reportagens, debates e campanhas.

Guilherme: Uma das críticas ao vídeo é a falta de representatividade negra. Como a CEDS justifica esta ausência?

João: Não procede. Temos no vídeo o ator Antônio Pitanga, negro e referência na luta por igualdade e respeito.